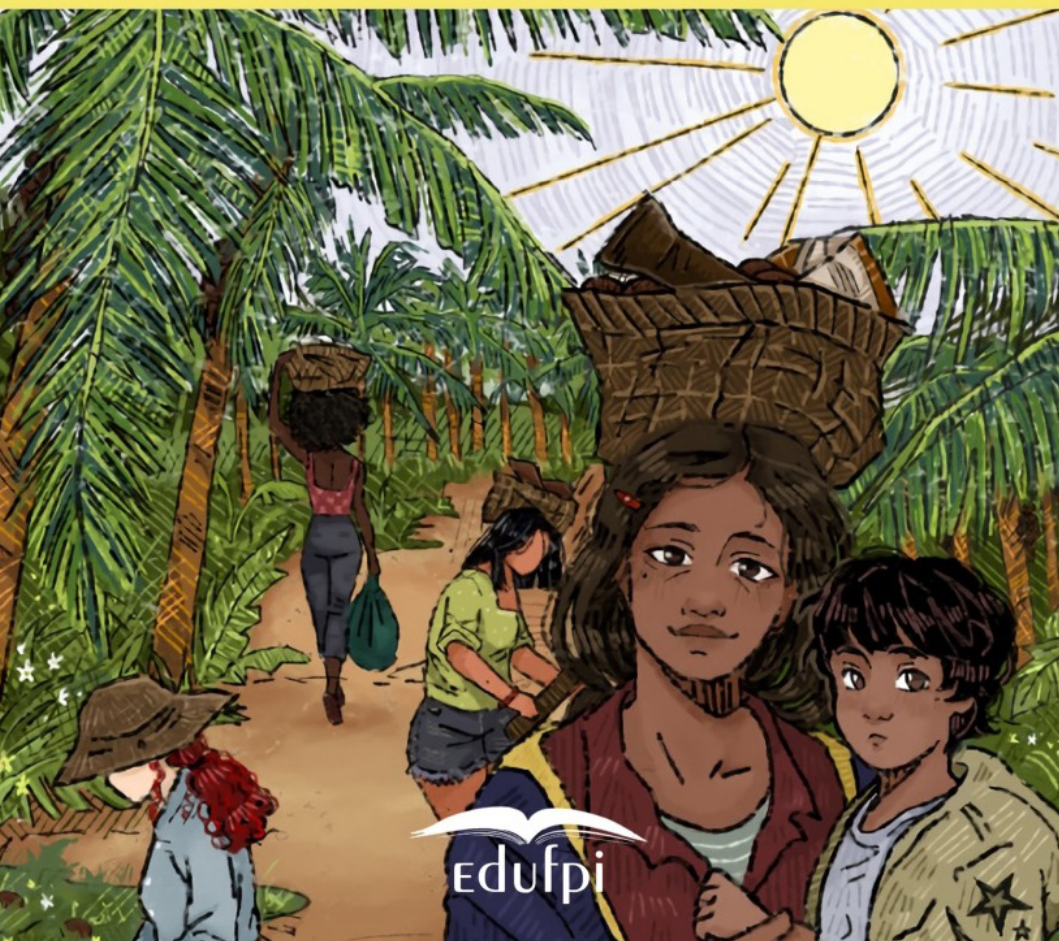


Adriana Ressorio C. (Organização)  
Laira Splinter (Co-organização)

# AS NARRATIVAS E MEMÓRIAS DO CUIDADO

## as quebradeiras de coco babaçu e as mães palmeiras



**As narrativas e memórias do cuidado:  
as quebradeiras de coco babaçu e as mães  
palmeiras**

Organização: Adriana Ressorio C.

Co-organização: Laura Splinter

Transcrição dos áudios: Iasmim Anunciação & Adriana Ressorio C.

Colaboração e conceptualização da pesquisa: Carmen Lúcia Silva Lima, Élda Brito, David Ludwig, Esther Turnhout, Noemi Porro, Roberto Porro e MIQCB

Entrevistados(as): Aldenir Gomes Damacena Souza, Aline Alencar Barros de Araújo, Anny da Silva Linhares, Antonia Machado de Souza, Áurea Maria da Silva, Auzilene Oliveira, Carmen Lúcia Silva Lima, Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira, Conceição de Maria Alves da Silva, Élda Maria Cardoso de Brito, Eliene Conceição Batist, Francisca da Silva Nascimento (Neném), Francisca Lima Rodrigues, Francisca Maria Silva Alves (Bei), Francisca Rodrigues dos Santos (Chica Lera), Francisco das Chagas Limma, Helena Gomes da Silva, João Valdecir Viana da Silva, Klesia Lima da Conceição, Luzia da Silva Sousa, Maria Alaídes Alves de Sousa, Maria Alana Ribeiro Oliveira, Maria de Fátima Avelino Pereira de Castro (Nega fá), Maria de Fátima Ferreira, Maria de Jesus Alves de Macedo (Dijé), Maria de Jesus Filomena da Silva Brito, Maria do Carmo Menezes de Oliveira, Marinalda Rodrigues da Silva, Raimundo Gomes Rodrigues, Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Sandra Silva Cardoso, Sebastiana Ferreira Costa Silva (Dona Moça), Teresa Filomena da Silva Benedita Vilma Lima, Valdirene Barras Conrado e Francisco Wilson Barbosa Carvalho.

Fotografias: Adriana Ressorio C.

Arte da capa e notas de Rodapé: Isabel do Santos Fonseca (Zoe)

ORG.: ADRIANA RESSIORE C.

CO-ORG: LAIRA SPLINTER

**As narrativas e memórias do cuidado:  
as quebradeiras de coco babaçu e as mães  
palmeiras**



# UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

## Reitora

Nadir do Nascimento Nogueira

## Vice-Reitor

Edmilson Miranda de Moura

## Superintendente de Comunicação Social

Jacqueline Lima Dourado

## Diretora da EDUFPI

Olívia Cristina Perez

## EDUFPI - Conselho Editorial

Jacqueline Lima Dourado (presidente)

Olívia Cristina Perez (vice-presidente)

Carlos Herold Junior

César Ricardo Siqueira Bolaño

Fernanda Antônia da Fonseca Sobral

Jasmine Soares Ribeiro Malta

João Batista Lopes

Kássio Fernando da Silva Gomes

Maria do Socorro Rios Magalhães

Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz

## Projeto Gráfico e diagramação.

Ronyere Ferreira

## Capa

Mário Sérgio Olivindo



---

As narrativas e memórias do cuidado: as quebradeiras de coco babaçu e as mães palmeiras / Adriana Ressorio C. (Org.); Laura Splinter (Co-Org.). – Teresina: EDUFPI, 2025.

144 p.: il.

ISBN: 978-65-5904-409-2 (físico) / 978-65-5904-410-8 (digital)



Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI  
Campus Universitário Ministro Petrônio Portella  
CEP: 64049-550 - Bairro Ininga - Teresina - PI – Brasil



*Dedico à todas as quebradeiras de coco babaçu desse Brasil.*

# Sumário

Apresentação.....	9
Agradecimentos.....	13
Meu mais sincero: obrigada!..... <i>Por Laira Splinter</i>	19
Conectando lutas locais e globais: quebradeiras, mães palmeiras e o projeto GEOS..... <i>Por David Ludwig</i>	23
Introdução.....	27
Histórias de luta e de vida.....	33
Quebrar coco.....	49
Mãe palmeira: uma mãe que cuida e é cuidada.....	63
MIQCB: um exemplo excepcional de movimento socioambiental.....	85
O que a palmeira diria?.....	105
Visões para o futuro: políticas públicas mais cuidadosas?...	115
Reflexão de parcerias do movimento <i>Por Carmen Lúcia Silva Lima</i> .....	125
<i>Por Élica Maria Cardoso de Brito</i> .....	129
<i>Por Noemi Porro e Roberto Porro</i> .....	133
Pensamentos finais.....	137
Referências.....	141



# Apresentação

A proteção das florestas em todo o mundo se tornou um grande desafio. Neste contexto, é uma grande satisfação apresentar o livro “As narrativas e memórias do cuidado: as quebradeiras de coco babaçu e as mães palmeiras”, organizado por Adriana Ressorio e com suporte de Laira Splinter, da Wageningen University and Research - WUR, Netherlands. Na contramão da destruição promovida pelos empreendimentos do sistema capitalista, a obra aborda a relação afetuosa das quebradeiras de coco babaçu com as palmeiras, por meio de histórias de vida, resistência e práticas de cuidado expressas em dezenas de depoimentos de mulheres que fazem parte do Movimento Interestadual da Quebradeiras de Coco Babaçu – MIQCB. É uma publicação que tem o mérito de revelar como o cuidado é vivido, praticado e significado pelas Filhas da Mãe Palmeira.

Esta publicação representa o reconhecimento de uma parceria que, em nossa percepção, eleva o prestígio da UFPI no cenário internacional. O Programa de Pós-Graduação em Antropologia, no ano de 2023, acolheu Adriana Ressorio, que chegou ao nosso meio com a finalidade de realizar uma missão de estudos entre as Quebradeiras de Coco Babaçu no Piauí. Acatando o pedido de seu orientador, David Ludwig, tive o prazer de supervisionar o trabalho de campo realizado entre as quebradeiras de coco babaçu no Piauí, atividade do projeto de pesquisa More-than-human Care Weaving Flourishing Futures for Biodiversity Conservation in Brazil parte do projeto Global



Epistemologies and Ontologies (GEOS).

A investigação de campo realizado no Piauí e Maranhão pela pesquisadora Adriana Ressorio foi decisiva para a escrita deste livro. Sem exagero, é possível afirmar que ela demonstrou ser uma pessoa dotada de muita sensibilidade, soube adentrar nas comunidades com desenvoltura e competência, produzindo relações de pesquisas bem estruturadas e pautadas no respeito e confiança mútua. Graças as habilidades de Adriana, os leitores poderão conhecer as lições que as quebradeiras de coco têm a nos ensinar sobre o cuidado, uma expressão que revela um modo de vida sustentável, caracterizado por ações de proteção do meio ambiente.

As falas, extraídas das entrevistas realizadas, evidenciam a memória social desta comunidade tradicional e comunicam a importância do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), movimento social criado oficialmente em 1991, que agrega diversas comunidades situadas nos locais de maior incidência da floresta de babaçu: Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará. Constituído de mais de 300 mil quebradeiras de coco babaçu, o movimento vem protagonizando uma história de resistência e luta pelo livre acesso aos babaçuais.

As quebradeiras de coco babaçu aguardam ansiosas por esta publicação, pois acreditam que será um importante canal de disseminação do conhecimento tradicional, uma ferramenta bastante útil para compartilhar saberes e divulgar como historicamente elas vêm construindo estratégias voltadas ao reconhecimento da identidade coletiva e ao estabelecimento de direitos, principalmente os de natureza territorial, tais como a Lei Babaçu Livre.

Particularmente, eu desejo que esta leitura tenha incidência na vida das pessoas e provoque muitas reflexões. Que inspire mudanças sociais, amplie os horizontes e seja capaz de questionar as práticas do sistema capitalista, que vem produzindo a



destruição da natureza. Que a lógica do cuidado manifesta nas narrativas das quebradeiras de coco babaçu nos motive para a promoção do bem viver e para construção de um mundo em que a satisfação das necessidades humanas estejam esteja em sintonia com o respeito a natureza e a promoção da equidade social.

Teresina (PI), 06 de maio de 2025.

**Carmen Lúcia Silva Lima**

Coordenadora do Programa de  
Pós-Graduação em Antropologia da UFPI





# Agradecimentos

Este livro, por si só, é um agradecimento. Ele nasce da necessidade e vontade de retribuir, de agradecer a todes que contribuíram para esta pesquisa. Quando perguntava, ao fim das minhas entrevistas, o que gostariam como retribuição da minha pesquisa, surpreendia-me com quantas participantes pediam algo escrito em resposta. Ao considerar que minha pesquisa é escrita e realizada em inglês, este livro vem como uma forma de deixar a memória e o conhecimento vivos que molda e transforma um conhecimento tão fundamentado na prática e no dia a dia. Aqui, trago as vozes dessas mulheres e das parceiras e parceiros do movimento que me concederam entrevistas.

Gostaria de começar expressando minha gratidão, por me acolherem como uma de vocês, por abrirem as portas, por me levarem para suas casas, por me deixarem ver o dia a dia de vocês, por me incluírem em reuniões, por compartilharem seus conhecimentos e suas histórias. O valor de tudo isso é inestimável.

À coordenação regional do Piauí, Dona Helena, Marinalda, Fátima, Klésia, Jucelino e Alana, agradeço por me envolverem nas reuniões e por confiarem em mim.

Às quebradeiras, parceiros e parceiras que de alguma forma participaram da minha pesquisa, há tantos a agradecer, e, apesar de ter tomado notas, é possível que algumas pessoas não sejam mencionadas. Minha gratidão será eterna a todes que estiveram comigo, dando suporte nos campos do Piauí e do Maranhão.



Especificamente, agradeço imensamente à Dona Rosa, Sr. Raimundo, Isabelly, Jon Jon, Jaqueline, Carlinhos, Elaine e Eline, por me hospedarem e cuidarem de mim como se eu fosse da família. Obrigada pelas conversas, pelas risadas, pelo conhecimento, pelo arroz com feijão e por todo o carinho. Vocês estão e estarão sempre no meu coração. Na Vila Esperança, agradeço também a Valdirene, Maria do Carmo, Maria do Remédio e todos outros/as.

Dona Helena e Sr. Zézinho, obrigada à sua família por me hospedarem em suas casas e compartilharem comigo o que há de mais cotidiano e rico na vida. Nas Fortalezas, obrigada à Tati, Dona Chica Lera, Laura, Sr. Sebastião, Isaura, Socorro e Glorinha.

Fátima, obrigada por me hospedar e me mostrar como o cuidar da casa, da família e da palmeira está no dia a dia. No Olho d'Água Cercado - PI, obrigada Bei, Ana, Francisca Lima e Sr. Raimundo.

Na Faveira, agradeço especialmente e imensamente a Luzia, Maria de Jesus (Tatuta) e Teresa, por me levarem para pegar coco no mato e por me ensinarem a zuzucar.

Agradeço também, em São João do Arraial, à Aline, Wilson, Dona Neném, Prefeita Vilma Lima e seus assessores. Obrigada ao Mauro, do Banco Cocais. Obrigada também à EFA Cocais por me receber e mostrar como os cuidados também são intrínsecos à educação do campo. Em Teresina, obrigada ao Deputado Limma pelo tempo, pelo suporte à luta das quebradeiras e pela entrevista.

Na Chapada da Sindá, obrigada à Marinalda, Aléia Rodrigues, Auzilene, Dona Neném e todas as mulheres que me mostraram o processo de produção da farinha do mesocarpo e prepararam um almoço maravilhoso para nós na casa de Dona Neném. Obrigada a todos.



À assessoria técnica do MIQCB interestadual, que me recebeu de portas abertas e me envolveu nas atividades do Movimento, obrigada. Sandra, obrigada por me mostrar um pouco de São Luís e compartilhar sua sensibilidade. Obrigada, Hélia, Flávia, Renata, Marly, Claudiene, Anny e Luciana por me receberem na sede do MIQCB. Às coordenadoras Emília, do Tocantins; Maria Antônia, da Baixada Maranhense; Eunice, de Imperatriz; e Cledeneuza do Pará, meus agradecimentos. Aqui fica especialmente a minha gratidão à Coordenadora Dona Dijé (Maria de Jesus Alves de Macedo) e à assessora Edsonete do Médio Mearim.

A Dona Maria Alaídes, coordenadora executiva do interestadual, meus agradecimentos são incontáveis. Sua família também abriu as portas para mim e me acolheu de maneira muito cuidadosa. Obrigada à suas filhas, Áurea e Ildete, por compartilharem o dia a dia em Ludovico comigo. Obrigada também ao seu marido, Ildo, ao Ildo Filho e a todos os outros membros da família que me acolheram tão bem. No Ludovico, também sou muito grata à Nega Fa, Eliene, Dió e Dona Moça.

Conceição, obrigada por me receber de braços abertos, por me mostrar a Cooperativa de Pequenos Produtores Agroextrativistas do Lado do Junco e Lago dos Rodrigues (COPPALJ), por me ajudar junto com as folhas das palmeiras a desatolar o carro e por me incluir na fascinante e trabalhosa experiência de ajudar a plantar uma agrofloresta. Sou muito grata a todos que estiveram envolvidos nos dias em que trabalhei com vocês e um agradecimento especial ao Sr. João Valdecir pela entrevista e por me contar mais sobre a história da COPPALJ. Agradeço também à Aldenir pelo dia que passei com você no Centro do Aguiar e por seus ensinamentos.

Em Codó, fui a uma jornada de quebra de coco acompanhada pelas guerreiras e companheiras Sandra, Francinelda, Martinha, Lô (Maria Lopes), Luzia, Maridalva, Lindalva, Silvanriva,



Maria de Jesus, Doura, Antônio Cardoso, Rita e Maria das Dores. Obrigada a todas por me levarem nessa luta diária que é ser quebradeira de coco morando na cidade e cada dia mais distante das Palmeiras. Em Codó, agradeço também à Maria (Mãe Lo) que nos hospedou e me deu barras do sabão de babaçu.

Este livro e minha pesquisa não existiriam sem o suporte e a confiança inquestionável e inigualável da Profa. Dra. Carmen Lúcia Silva Lima e da Nova Cartografia Social da Universidade do Piauí. Além de me acolher em sua casa, Carmen me apresentou à UFPI, às quebradeiras e me guiou durante todo o processo com seu cuidado e compreensão. O suporte de Carmen foi reforçado e endossado por Élide Brito, da UFPI e do IFPI. Élide também conversou, orientou, sugeriu e trocou conhecimentos comigo antes, durante e depois da coleta de dados. Obrigada também à sua família por me acolher.

Profa. Dra. Noemi Porro e Dr. Roberto Porro também foram essenciais para minha pesquisa no Maranhão, mais especificamente no Lago do Junco. Obrigada por me apresentarem à Conceição e por acompanharem a pesquisa, mesmo que de longe.

À Milena Ayla da Mata Dias, obrigada por conversar comigo e por me inspirar com seu trabalho de mestrado. Agradeço à Iasmim Anunciação pelo seu trabalho impecável ao transcrever as entrevistas do Piauí e algumas do Maranhão. Obrigada por ser força e coragem.

Agradeço aos meus orientadores, Esther Turnhout e Charbel El-Hani pelo suporte antes e durante o campo. À Esther sou grata pelas longas reflexões e conceitualização da pesquisa. Um agradecimento especial ao meu orientador David Ludwig por acreditar, me incentivar e fazer ser possível a pesquisa com as quebradeiras. Obrigada também pelo apoio e conversas durante e depois do campo que iluminaram essa caminhada. Obrigada ao GEOS por fornecer os recursos, mais especifica-



mente às organizações de fomento à pesquisa De Nederlandse Organisatie voor Wetenschappelijk Onderzoek (NWO) - Vidi Grant - e o European Research Council (ERC) - ERC grant - por financiarem o projeto. Agradeço também aos colegas do GEOS por todo apoio antes e depois do campo.

Finalmente, agradeço à minha co-organizadora, Laira Splinter, que, apesar de se juntar a este projeto em um estágio mais avançado, também se envolveu e se dedicou às histórias das quebraadeiras ao me ajudar a selecionar, dentre tantas horas de entrevistas, as partes mais interessantes para este livro.

Como fica claro nesses agradecimentos, uma pesquisa não é feita por uma pessoa, mas por muitas e muitos, inúmeras vezes, práticas e ensinamentos. No dia em que parti de São Luís, com uma lista infinita de afazeres, um evento sendo organizado em Salvador e turbilhão na cabeça e no coração, escrevi nas anotações do meu celular:

### **○ tempo me atropelou**

○ tempo nos atropelou  
○ tempo passou  
E hoje parti  
Enfrentei um desafio de cada vez  
Foram muitos  
Para elas, a vida  
Às vezes sofrida  
Às vezes divertida  
Para mim, desafios  
Aprendizados

Ele,  
Esse tal do tempo, estava sempre presente  
“Mas que visita rápida!”  
“Tinha que ficar 3 meses só aqui!”  
“Quando você volta?”



Aquela dureza do coco está na dureza de partir  
Aquela dureza do coco está no que se vive ali  
Aquela dureza do coco estará para sempre em mim  
Com tempo  
Sem tempo

Não importa o tempo: essa experiência foi eterna  
Essa vivência estará pra sempre em mim  
Essas mulheres-palmeiras me levaram a me desafiar  
Me levaram a encontrar a coragem que nem eu sabia que tinha  
Obrigada  
Obrigada

No meu coração e em tudo que fizer daqui pra frente, tem um pouco  
de cada uma de vocês comigo

Adriana Ressorio Campodonio



# Meu mais sincero: obrigada!

*Por Laira Splinter*

Em meu primeiro semestre de mestrado em Desenvolvimento Internacional na Universidade de Wageningen nos Países Baixos, eu presenciei uma incrível palestra dada por Adriana Ressori. Em meu curso de *Desenvolvimento Internacional: Perspectivas e Temas*, aprendi com a Professora Birgit Boogaard sobre fronteiras planetárias, ou seja, limites dentre dos quais seres humanos podem operar enquanto certificando o bem-estar do planeta. Em seguida, adquiri conhecimento sobre a pesquisa da própria Adriana, com foco na relação de cuidado entre as quebradeiras de coco Babaçu e a mãe palmeira. Sua palestra, além de fascinante, foi reveladora: sobre um movimento de cuidado e resistência que eu não tinha conhecimento prévio. Apesar de ter raízes no Rio de Janeiro, através da família da minha mãe, a primeira vez que aprendi sobre os diversos derivados que a palmeira fornece para suas filhas, as quebradeiras, foi do outro lado do mundo através da Adriana. Com ela, pude compreender o árduo e gratificante processo da quebra e coleta do coco.

Um ano de mestrado se passou e eu me recordava daquela palestra, e então, entrei em contato com a Adriana. Ela me comunicou a possibilidade de ajudá-la com este livro, que serviria como uma forma de retribuir as muitas mulheres e homens que foram entrevistados. Ao iniciar o projeto, eu sabia somente da luta pela preservação do Babaçu no Brasil e dos muitos derivados da árvore comumente usados como sustento e abrigo



devido à importância cultural do Babaçu: o uso do óleo de coco ao cozinhar alimentos e folhas secas das palmeiras como telhas, por exemplo.

No entanto, eu não possuía sabedoria sobre a força, senso de comunidade e irmandade entre as mulheres que lutaram e continuam lutando pela preservação das palmeiras no Brasil, principalmente através do MIQCB. Eu não tinha conhecimento dos inúmeros desafios que as quebradeiras vêm enfrentando ao longo dos anos e de suas imensas vitórias ao trabalharem juntas para realizar grandes feitos. Ao operarem umas com as outras através do Movimento Interestadual, eu compreendi que as mulheres alcançaram um senso de independência, capacitação e empoderamento. Através do MIQCB, elas adquiriram conhecimento adicional em diversas áreas, nomeadamente financeira, acadêmica e vocacional. Com esse aprendizado, elas continuam a lutar pela preservação da natureza e pelo compartilhamento de informação com futuras gerações. Como a própria Aline Araújo de São João do Arraial menciona:

*“Outro desafio é você conseguir permanecer todo esse sentimento [de ser quebradeira] para as crianças, e a gente sempre discutiu isso no movimento também com a juventude, de você conseguir dar continuidade a toda a história, esse movimento das quebradeiras.”*

Como uma mulher de vinte e poucos anos, aprendi muito ao selecionar dezenas de citações importantes e o mais claro foi: a relação de cuidado e carinho entre mulheres. Ao longo do tempo, sempre houve um hiper foco na necessidade de se casar, no papel tradicional da mulher como dona de casa e sua função designada como aquela que está vinculada a realização de tarefas domésticas. No entanto, ao ler várias transcrições, algo evidente foi a descrição nada tradicional das quebradeiras. Independente



da idade, estado, ou história de vida, todas mulheres demonstraram uma ruptura com essa tradicionalidade patriarcal. Ao invés disso, muitas revelaram um senso de independência que eu nunca tinha visto antes. Apesar de muitas serem casadas, elas declararam em entrevistas um amor pela irmandade e amizades que adquiriram com outras mulheres - ao longo da jornada de preservação da mãe palmeira. Quando perguntadas sobre quando se sentem cuidadas, muitas mencionaram quando podem ver suas amigas ou conversar com suas mães. Ouvir isso foi revigorante de uma forma que me fez sentir segurança em meu próprio caminho como mulher. Em suas vidas, elas estão no centro como também suas necessidades emocionais, físicas e mentais. Além disso, o mesmo relacionamento que elas têm com as mulheres de sua vida se traduz no cuidado que elas têm com as mães palmeiras, e esse relacionamento é impressionante de se ver e entender.

Nesses últimos meses, obtive uma nova e profunda perspectiva sobre o valor indispensável de amizades femininas além da importância de trabalhar em equipe, exigir o que é certo, ser determinada, e relembrar-se de aproveitar a vida, pois ela passa rápido. Gostaria de agradecer à Adriana por confiar a mim o processo de seleção de citações, por me orientar, por suas ótimas percepções e pelos momentos de risada. Gostaria de agradecer ao David por concordar em me ter a bordo. Por fim, gostaria de agradecer a todas as pessoas que forneceram seus depoimentos para esta pesquisa. Obrigada por me fazerem refletir sobre a vida da maneira mais genuína e pelos sorrisos que me deram ao contar suas histórias incríveis. Obrigada também por seu árduo trabalho e perseverança. Meu desejo mais profundo é que todos tivessem a oportunidade de aprender mais com vocês, seja sobre as histórias da palmeira como mãe ou lições de vida e cuidado um com o outro.



Apesar da distância e incapacidade de me encontrar pessoalmente com os entrevistados durante todo o processo de co-organização deste livro, sinto-me próxima com base nas declarações feitas em todas as trinta e quatro entrevistas. Sinto-me incluída nas piadas. Sinto-me preparada para fazer bolo de mesocorpo e sinto um imenso senso de comunidade, apesar de estarmos a 9.184 km de distância umas das outras.



# Conectando lutas locais e globais: quebradeiras, mães palmeiras e o projeto GEOS

*por David Ludwig*

O planeta enfrenta crises interconectadas, desde a destruição da biodiversidade até as mudanças climáticas e a desigualdade econômica. As políticas e a ciência de hoje em dia estão falhando em lidar efetivamente com essas crises socioambientais. O clima continua aquecendo, espécies continuam se extinguindo rapidamente e pessoas continuam vivendo na pobreza.

O projeto 'Epistemologias e Ontologias Globais' (GEOS), ao qual a pesquisa que originou este livro está vinculada, parte da compreensão de que é necessário repensar as relações entre as pessoas e o meio ambiente para enfrentar essas crises planetárias. Enquanto continuarmos vendo a natureza apenas como um recurso para o crescimento econômico e a modernização, estaremos fadados a destruí-la. Mas não precisamos inventar alternativas do zero. As alternativas já existem, elas estão articuladas nas lutas diárias e nas práticas de cuidado. Muitas comunidades ao redor do mundo se relacionam com a natureza de maneira sustentável e cuidadosa. Elas têm um conhecimento muito profundo sobre a natureza e sobre como conviver com ela sem destruí-la.

O GEOS se inspira nesses conhecimentos e nas realidades diversas de comunidades que lutam por um futuro melhor. Nesse sentido, o GEOS é inspirado pelos zapatistas de Chiapas,



no sul do México, que proclamam: “Muitas palavras caminham pelo mundo. Muitos mundos se fazem. Muitos mundos nos fazem. Existem palavras e mundos que são mentiras e injustiças. Existem palavras e mundos que são verdadeiros e justos. (...) No mundo dos poderosos, só há espaço para os grandes e seus servidores. No mundo que queremos, cabe todo mundo. O mundo que queremos é um mundo que cabe muitos mundos<sup>1</sup>” (EZLN, 1996).

O GEOS busca entender os diversos mundos em que as pessoas vivem e busca também apoiar as diversas lutas ao redor do globo. Os membros do GEOS trabalham com comunidades em diferentes continentes e países, do Brasil a Gana, do México a Itália. Por exemplo, aprendemos com agricultores indígenas em Gana sobre os efeitos destrutivos da monocultura industrial nas comunidades locais. Fomos também inspirados por projetos agroecológicos locais e bancos de sementes que defendem o patrimônio biocultural das comunidades de Gana que lutam por um futuro de autodeterminação e dignidade. Na Itália, aprendemos com olivicultores locais sobre a pressão dos preços do azeite e as pragas que viajam globalmente, ameaçando a subsistência desses agricultores.

Quando Adriana se juntou ao projeto GEOS, ela trouxe consigo a inspiração das Quebradeiras de Coco Babaçu. Desde então, o movimento interestadual MIQCB tem nos inspirado com sua luta por um futuro mais justo e cuidadoso. De fato, o MIQCB luta pelas pessoas que foram e são enganadas e ameaçadas pelas promessas de crescimento e modernização do

---

1. Original em Espanhol “Muchas palabras se caminan en el mundo. Muchos mundos se hacen. Muchos mundos nos hacen. Hay palabras y mundos que son mentiras e injusticias. Hay palabras y mundos que son verdades y verdaderos. Nosotros hacemos mundos verdaderos. Nosotros somos hechos por palabras verdaderas. En el mundo del poderoso no caben más que los grandes y sus servidores. En el mundo que queremos nosotros caben todos. El mundo que queremos es uno donde quepan muchos mundos.” (EZLN, 1996).



Brasil. O movimento representa mulheres que possuem profundo conhecimento sobre o babaçu e seu ambiente. Ele também simboliza a convivência harmoniosa entre mulheres e palmeiras, promovendo cuidado e preservação que desafiam as forças de extração e a destruição ambiental, especialmente em tempos de capitalismo globalizado. Entender a palmeira como uma mãe não é apenas uma metáfora, é, na verdade, a criação e procriação de relações de cuidado e solidariedade. Para nós do projeto GEOS, tem sido muito inspirador aprender como a palmeira pode ser uma mãe, e não apenas um recurso para exploração econômica.

No GEOS, aprendemos com essas relações de cuidado e solidariedade das Quebradeiras de Coco Babaçu. Essas relações ensinam uma maneira diferente de se relacionar com o meio ambiente e de construir um mundo mais cuidadoso, gentil e habitável para todos. Essas mensagens são articuladas no Norte e Nordeste brasileiro, mas são relevantes para todo o Brasil e também para além de suas fronteiras. Todos precisamos aprender juntos a sermos mais cuidadosos para construir um mundo que possamos compartilhar com todos os seres humanos e com toda a natureza. Somente conectando as lutas das comunidades ao redor do mundo seremos fortes o suficiente para produzir uma mudança duradoura. É como aquele ditado diz: “Individualmente, somos uma gota. Juntos, somos um oceano”.

Sou grato a todes do MIQCB por terem acolhido Adriana. Sou também grato a todas as quebradeiras e mães palmeiras que gentilmente compartilharam essa luta por um futuro melhor com ela. Sou grato à Adriana por ensinar ao restante do GEOS sobre as palmeiras de babaçu e por coletar as inspiradoras falas deste livro. Sou grato à Laira por ajudar a organizar este livro. Espero que o livro seja recebido tanto como uma expressão de nossa gratidão quanto como um convite para um diálogo



contínuo sobre a criação de um mundo mais cuidadoso que possamos compartilhar com as palmeiras e com todos os seres.



# Introdução

Aproximadamente dois meses e meio de vivência e aprendizado com as quebradeiras, as palmeiras e o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) são muito pouco comparados com a história e a diversidade de tantas mulheres e parceiros de luta. A pesquisa de doutorado que resultou neste livro de memórias começou ambiciosamente: compreender um movimento interestadual em poucos meses, buscando, primeiramente, entender as relações de cuidado entre as quebradeiras e as mães palmeiras, assim como o cuidado que sustenta o Movimento e as relações que o formam e transformam.

Com as quebradeiras aprendi muito, mas algo ficou muito marcado em minha mente e corpo: “na marra”. Eu, mulher, goiana, aprendi a expressão “na marra” quando criança. “Se não fizer de bom gosto, vai ter que fazer na marra”, ouvia. Era algo do tipo: de um jeito ou de outro, você vai fazer. Na minha criação, essa expressão esteve presente, mas com as quebradeiras ela tomou outras proporções, ganhando um significado maior. Sua função me parece quase vital. A música já diz muito:

*Já chega de tanto sofrer!  
Já chega de tanto esperar!  
A luta vai ser tão difícil,  
Na lei ou na marra, nós vamos ganhar!*  
(Coral das Encantadeiras, autoria desconhecida)

Essa música ressoou em mim como uma boa representação do que eu estava testemunhando e aprendendo no campo.



Tive de reaprender a fazer e entender como as coisas são feitas na marra. Para mim, acostumada com meus privilégios e confortos do dia a dia, isso significava ser forte em meio a tantas mulheres fortes. Eu pensava: “Deixe essas inseguranças e medo de lado, há algo mais urgente e importante para lidar agora”. Imagino que muitas quebradeiras, em muitos momentos, também se sentiram assim e tiveram que se dizer algo parecido para criar coragem e ir lá na frente representar o Movimento. Para mim, estar com as quebradeiras, “na marra” também significava lidar com as mudanças repentinas e a instabilidade que é parte do dia a dia do Movimento. Eu pensava: Como fazer campo no Piauí e Maranhão sem conseguir dormir em rede? O que fazer com esse calor que não passa e que nunca havia sentido? E com meus problemas de insônia? E como dirigir distâncias e estradas que por muito tempo tinha certeza de que não conseguiria? No meu corpo, eu sentia a necessidade de simplesmente ir, de apenas fazer, sem pensar muito. E, como Nete me disse no dia em que nos conhecemos: “Não é à toa que somos um Movimento; a gente tem que se mover!”. Portanto, eu também me movi. E, pelos meus parâmetros, me movi muito. Muito mais do que o esperado. Muito mais do que achei que seria capaz.

Então, fui aprendendo. Desde o primeiro dia o movimento, a mudança e até os conflitos estavam presentes — seja no dia a dia ou nas histórias compartilhadas. Enquanto me deslocava, as quebradeiras continuavam a me contar sobre as muitas vezes em que foram ameaçadas de morte, tiveram seu sustento tomado, ou suas casas queimadas, enfrentando dificuldades constantes. Muitas vezes, sem o apoio de quem deveria apoiá-las. Elas me contavam que comemoravam uma vitória sabendo que não era o fim, mas apenas o começo. No dia em que conheci Emília (coordenadora do regional Tocantins), ela me contou sobre a Lei do Babaçu Livre TO (2008), aprovada em 2008, e que agora, em 2023, os deputados estaduais estavam tentando derrubá-la.



Nesse contexto, “na marra” deixou claro que a luta continua, porque as leis e os direitos no papel nem sempre são cumpridos na prática.

Muitas vezes, me emocionei. Muitas vezes, fiquei confusa. Embora estivesse interessada nas relações de cuidado, encontrei conflitos e lutas para existir e resistir. No tempo que estive com as quebradeiras, e desde que fui embora, não consegui parar de pensar em como o cuidado está relacionado ao conflito quase todos os dias. Como o cuidado, muitas vezes, é doloroso, e como manter relações recíprocas com a palmeira-mãe envolve tanta luta. O cuidado entre o Movimento e as palmeiras-mãe envolve política, conflito, esperança, negociações e muito mais. O cuidado é a motivação para entrar em conflito, tanto quanto, muitas vezes, a única maneira de cuidar é enfrentando as situações conflituosas<sup>1</sup>.

No primeiro dia com as quebradeiras, escrevi no meu caderno: “Parece ser impossível desvincular as quebradeiras de coco babaçu do adjetivo ‘guerreira’, da dor, da luta e do conflito.” O tempo passou, e me parece que essa primeira impressão permaneceu, mas se tornou mais complexa, mais completa. Longe de mim achar que menos de três meses são suficientes para retratar a realidade de tantas vidas, tantas lutas e tantas vitórias. Ao mesmo tempo que não tenho essa ambição, busco aqui compartilhar um pouco da riqueza que foi compartilhada comigo.

Baseada na vivência com o Movimento e as quebradeiras, tenho a convicção de que as quebradeiras de babaçu são filósofas, pensadoras, cuidadoras, mães, guerreiras e um símbolo nacional de resistência e existência. Este livro visa compartilhar

---

1. Os parágrafos acima, sobre na marra foram inspirados nos escritos para o artigo/capítulo da tese de Adriana Ressoriore C. Ele se intitula Narrativas do cuidado: Quebradeiras de coco babaçu e mães palmeiras (em inglês: Care Narratives: babassu breakers and mother palm trees), atualmente publicado em inglês na revista científica GEOFORUM.



esses saberes essenciais, saberes que estão no dia a dia, que fazem parte do saber-fazer, da existência e da resistência das quebradeiras. Saberes esses que são essenciais para repensar nossa convivência com os outros seres da natureza e aprender com histórias de resistência.

O tempo que passei e me movimentei com as quebradeiras foi profundamente significativo, pessoalmente e intelectualmente. Me fez ressignificar conceitos de conflito, reciprocidade e, acima de tudo, cuidado. Embora palavras e um livro talvez não sejam suficientes para expressar toda a gratidão pelo conhecimento e cuidado compartilhados comigo, essa foi a forma que, através de conversas e consultas com as pessoas que entrevistei, encontrei de retribuir.

Este livro é formado principalmente por citações de entrevistas concedidas durante os meses de janeiro, fevereiro e março de 2023, no Piauí e no Maranhão. As citações permanecem o mais fiéis possível ao que foi dito, com pequenas edições apenas para a compreensão do leitor, mas sem alterações de conteúdo. Todos os participantes concordaram em ter seus nomes reais divulgados, buscando visibilidade para suas lutas.





Foto 1: Primeiro encontro de Adriana com o grupo de Encantadeiras em Teresina, Piauí. Da esquerda para a direita: Klésia, Eliane, Aléia, Antônia, Laura, Carmen Lúcia, Dona Chica Lera, Marinalda, Keilha, Helena Gomes, Adriana. (Janeiro, 2023).

Seguindo parcialmente a estrutura das entrevistas, dividimos o livro em: (1) histórias de luta e de vida, onde trago falas sobre a luta diária e as difíceis vivências das quebradeiras; (2) quebrar coco, onde as entrevistadas falam sobre como começa a quebra de coco na vida delas; (3) mãe palmeira: uma mãe que cuida e é cuidada, sobre a relação de cuidado entre palmeira e quebradeira; (4) MIQCB: um exemplo excepcional de movimento socioambiental, onde se fala sobre como o movimento foi e é essencial na vida das quebradeiras e das palmeiras; (5) O que a Palmeira diria?, um exercício de imaginação feito com as quebradeiras a respeito de como elas veem as necessidades e desejos da palmeira do babaçu; (6) Visões para o futuro: políticas públicas mais cuidadosas?, os/as entrevistados/as falam sobre necessidades e vontades de políticas que as/os representem e cuidem melhor delas/es. Finalmente, na parte final, incluímos pensamen-



tos de algumas parcerias do movimento que também contribuíram para esta pesquisa e pensamentos finais por Adriana.

Espero que este livro não apenas informe, mas inspire reflexões profundas sobre as formas de cuidado e resistência que as quebradeiras de babaçu personificam e vivem. Que suas histórias e ensinamentos ajudem a repensar a maneira como vivemos e nos relacionamos com a natureza e uns com os outros.



## Histórias de luta e de vida

“Eu nasci no povoado Cipó. Minha mãe nasceu e se criou lá, e ela começou a família dela lá no Cipó. Aí eu fiquei lá durante 17 anos, né, trabalhando junto com ela, minha avó e meus irmãos. Trabalhando na quebra do coco e também na roça, né, e estudando também. E aí, aos 17 anos eu casei. Aí vim embora aqui pra a comunidade, e aí a vida continuou, né. Passei a ser mãe, comecei a trabalhar o dobro, né, na quebra do coco, tirar azeite” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).

“É, eu nasci aqui nessa terra aqui, né, que é a minha terra natal. E aí eu desde pequena que eu comecei quebrar coco junto com a minha mãe, com meu pai, né. Eles foi quem me ensinaram trabalhar. E a partir daí eu já comecei trabalhar quebrando meu coco, vendendo, pra mim comer meu pão do dia a dia, né. Ali era onde eu tirava o meu sustento” (Francisca Maria Silva Alves (Bei), Olho d’Água Cercado - PI).

“E eu nasci aqui mesmo na comunidade Fortaleza, né. Cresci aqui. Mas tive que com 8 anos ir morar com minha avó lá em outra comunidade (...) É uma comunidade, que hoje a gente faz atuação lá com as quebradeiras também, né. Toda vez que eu vou lá, eu lembro. Então eu morei lá até uns 12 anos, aí eu voltei pra casa dos meus pais, minha mãe. Pra cá, de novo” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).



“Eu sou do Piauí, criada na comunidade chamada Couro de Porco, no limite entre Barras e Esperantina. Sou filha de uma quebradeira de coco e de um agricultor. Toda a minha infância acompanhei meus pais nos trabalhos da roça e na quebra do coco, que era o sustento da nossa família. Vivíamos em uma casa de taipa, cercada pelos babaçuais, nas margens do rio Longá. Nosso cotidiano era cuidar dos animais e ir para a roça, que era um trabalho familiar, principalmente no período do inverno. Eu ajudava a minha mãe a fazer comida e carregava as bacias na cabeça para alimentar os trabalhadores na roça. Em outros dias, ajudava a quebrar coco, tirar azeite e fazer carvão. Na adolescência, quebrava coco e trocava a amêndoa no barracão por alimentos, como rapadura, que eu adorava. Foi assim que ganhei minha primeira renda. Depois, comecei a estudar em uma escola de uma comunidade próxima, mas enfrentava muitas dificuldades para acessar o local. Fui alfabetizada aos poucos, com muitos intervalos, porque precisava ajudar nos trabalhos com meus pais e irmãos. Quando cheguei à fase adulta e construí minha família, o vínculo com a natureza, os rios, as matas e os babaçuais permaneceu enraizado em mim. Hoje, estudo para aprimorar os conhecimentos e contribuo ativamente nas lutas das quebradeiras de coco, em movimentos de mulheres e associações.” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina - PI).

“Eu aprendi a quebrar o coco desde meus 6 anos de idade (...) Todas as crianças aqui, mais velha, elas já tinham essa curiosidade e a necessidade também. Aí os pais da gente já começava a envolver muito cedo nessa atividade, tanto da coleta quanto da quebra (...) E aí, com 11 anos, eu já comecei trabalhar na igreja como catequista, ajudando na celebração, ajudando na a catequizar os alunos, as crianças. Comecei a partir de muito cedo. E aí, depois aí fui quebrando o coco, estudando... **A minha profissão é quebradeira de coco.** Apesar de eu ter



uma formação de eu ter saído esse período aí de eu já ter ido para a sala de aula, mas eu considero que a minha profissão é quebrar pouco e aí quebrar coco para mim é a coisa assim muito importante, porque ela te dá autonomia. Ela te deixa uma pessoa independente.... Às vezes o marido nem tem (dinheiro), né? Aqui, a maior parte das mulheres aqui é que praticamente sustenta a casa. E não depende do marido para comprar uma calcinha para comprar uma maquiagem, para comprar uma roupa” (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).

“Sou uma quebradeira de coco babaçu. Sou da comunidade Ludovico município Lago do Junco - MA, estado do Maranhão. Nasci me criei nessa comunidade, minha mãe nasceu e se criou aqui. Tive todo um impasse aqui na juventude, casei, tive filho. Agora tenho neto e pretendo deixar essa geração aí” (Maria Alaídes Alves de Sousa, Lago do Junco - MA)

“Eu via minha mãe e minhas tias quebrando coco. E aí criança gosta de fazer as artimanhas. Eu sempre via elas quebrando com o machado, aí eu sempre tive aquele conhecimento em querer quebrar” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).

“Eu comecei a quebrar coco desde os 7 anos de idade. Porque na época quando eu tinha essa idade, meus pais não tinham condição e aí a gente já tinha que começar a quebrar coco pra ajudar na conta da alimentação pra dentro de casa (...) Aprendi com minha mãe, com meu pai, com minhas tias, minhas avó. Uma avó. E desde aí, até agora, ainda hoje eu quebro o coco. E tenho orgulho de dizer que quebro o coco e sou quebradeira de coco” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).





Foto 2: Reunião para receber pesquisadora em Vila Esperança, PI. Da esquerda para direita, fileira de cima: Wedson Ferraz, Klésia, Elaine Anselmo, Maria do Carmo, Marli Clementino, Teresa, Rosa, Fátima, Elane, Maria de Jesus; fileira de baixo: Valdirene, Carmen Lima, Marinalda, Luzia, Isabelly, Adriana. (Janeiro, 2023).

“Nasci e me criei aqui na Chapada. Sempre morei aqui, viajei muito, andei muito, mas sempre convivi aqui na comunidade (...) Estudei e estou estudando ainda, né. Tô fazendo uma faculdade. Tô cursando pedagogia. Espero concluir, quem sabe daqui 3 anos, mas vamos tocando, né.” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Desde que nasci os dentes eu quebro coco (risos). Comecei (a quebrar coco) desde os sete anos” (Maria de Fátima Aveline Pereira de Castro - Nega Fa, Lago do Junco - MA)

“Quebrar coco não é a precisão é a profissão, eu acho muito bom quebrar coco. (...) Eu tenho precisão, mas eu acho bom quebrar coco.” (Maria de Fátima Aveline Pereira de Castro - Nega Fa, Lago do Junco - MA).



“Eu nasci na Chapada da Sindá. Quando a gente chegou aqui, nós era tudo pequenininho. Aí a gente ficou vivendo aqui, trabalhando, quebrando coco e daqui nós nunca saímos. Com 10 anos eu já comecei quebrar coco, porque meu pai morreu aí minha mãe ficou só. Era só nós mulheres, só tinha dois rapaz. Aí um casou. Aí nós ficamos dentro de casa, nós trabalhamos na roça, ia a gente fazer a roça, nós ia plantar, apanhava aquele legume, aí quando terminava nós botava dentro de casa” (Maria de Jesus Filomena da Silva Brito, Faveira - PI).

“Aqui em Santana é uma comunidade quilombola, só é reconhecida do Palmares, não tem título, não tem nada, só é reconhecido. É uma comunidade de luta, que a gente tá em um processo ainda, só foi reconhecida, nunca foi regularizado” (Maria de Jesus Alves de Macedo - Dijé, Santana - MA).

“Quando eu completei 16 anos, meu pai muda de novo pra um lugar chamado Picada Véa [Picada Velha] que agora é essa aqui, é Vila Esperança. Aqui, nós morou dois anos. Aqui eu arrumei um namorado e aqui eu casei. Meu pai voltou e eu fiquei aqui. Construí minha família. Me casei em 87, até agora tô morando nessa mesma localidade, construí família, já sou vó de quatro netos. E aqui eu vivi e aqui eu construí a minha família. Estou vivendo.” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“Olha, aprendi com minha mãe a quebrar coco. Quando eu nasci, eu já conheci ela quebrando coco. A partir de 7 anos eu comecei a querer aprender também, né, aprender a quebrar coco. Aí ela ia por mato porque ela sempre gostava de quebrar coco no mato e ela me levava” (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).



“É, eu comecei a quebrar quando eu tinha 10 anos de idade. Só que eu já fazia os serviços da casa (...) eu já sabia fazer tudo também, cuidar de menino, cuidar da casa, fazer comida.” (Aldenir Gomes Damacena Souza, Centro do Aguiar, Lago do Junco - MA).

“A gente quebra coco desde pequenininha (...) Quando você aprende, você não consegue quebrar muito, mas você vai aumentando na medida que vai passando o tempo, por isso que sempre a gente diz que quebra coco ninguém ensina, a gente aprende só vendo o quebrar” (Sebastiana Ferreira Costa Silva (Dona Moça), Lago do Junco - MA).

“Desde de novinha que eu quebro coco. Criei cinco filhos na quebra do coco” (Maria do Carmo Menezes de Oliveira, Vila Esperança - PI).

“A gente quebrava o coco e levava lá pra trocar por alimentos. A gente trocava muito por alimento, era rapadura, era um café, um açúcar, coisas que a gente não conseguia produzir onde a gente morava. E aí, eu lembro demais, né. Assim da alegria que foi a gente pegar, eu ver dinheiro pela primeira vez, que nossos pais pobre não tinha como dar, assim, uma vida melhor, uma roupinha pra gente, um calçado. Era uns tempo muito difícil pra quem vive da agricultura, não tinha outro trabalho.” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina - PI ).

“Nesse tempo era do tempo dos coronéis, né. Aí o nosso coronel era o nosso patrão... A gente era moradeira dele, né. O terreno era dele. A gente morava, quebrava coco, vendia lá na fazenda dele, pra ele. Lá tinha a mulher que comprava os coco, fazia aquela notinha do total dos coco e a gente saía na bodega comprando alguma coisa pra gente comer. Ele não dava o dinheiro, era uma notinha, um vale, que eles fazia para a gente



comprar as coisas da gente. Porque lá era um barracão só deles comprar o coco e porque nós éramos morador deles nós não podia vender o coco fora, só podia vender na mão deles e se a gente vendesse fora, a gente ia preso.” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“A gente ia comprar o feijão, o arroz, uma farinha, um café. Isso já dera de noite, né. Aí quando chegava em casa à noite, que a gente ia fazer aquela comida pra gente. Porque a gente passava o dia com fome, quebrando coco.” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

**“Nossa, quando eu terminei a reunião [com as quebradeiras], já chegava o pistoleiro dizendo que o patrão quer mandar dizer que se eu continuasse organizando as mulheres sobre o coco, ele mandava a polícia me buscar, me prender e arrancar os cabelos da minha cabeça todinha. Digo eita, diabo. Mas aí eu ainda tava bem segura da coisa, né. E aí eu continuava.”** (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

“Era mesmo sem ser assentamento, essa área aqui já era de conflitos (...) Conflito, é... sobre os patrões que não queria que a gente entrasse na terra. Não queria que a gente entrasse na terra pra tirar o babaçu, era só o que a gente precisava, do babaçu.” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

“Eu aprendi com 7 anos, eu já quebrava coco, né, com minha mãe. Porque, assim, a gente aprende o que a gente vê os pais da gente fazendo, né (...) E nesse período nós não tinha terra. A gente morava na... nesse tempo era os patrão, os proprietários, né. Então, a gente era morador ali. E aí a gente trabalhava. Quebrava o coco pro patrão, trabalhava na roça, né, pra ele (...)



ganhava diária. Adolescente eu trabalhava de roça também pra ele porque pagava, né. Muito pouco, mas trabalhava e recebia um dinheirinho. Ou então recebia arroz ou recebia feijão. Assim era a vida dos trabalhadores daqui.” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

“(…) a minha avó já depois já adulta, depois de filhos, de ter casado, ela optou por estudar também (….) sempre foi uma mulher muito revolucionária, que usou o cabelo curto, que usava o batom, mesmo morando na comunidade. (….) A minha mãe começou a trabalhar, entender que o babaçu era algo da terra, não era algo do patrão e que não se conformava com aquela injustiça de ter que minha família, minhas tias, minha avó, né, todo mundo quebrar tanto de coco e ter que deixar a metade pro patrão e ter que comprar tudo o que teria que comprar era num galpão, a preço que o patrão queria.” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI)

“Eu consegui estudar após 12 anos que tinha deixado de estudar, né. E voltei a estudar. Minhas filhas também estudavam. E aí eu conseguia usar o tempo, né. Durante o dia, na parte da manhã, deixava as meninas na escola, voltava, juntava o coco ou quebrava, à tarde ficava mais na parte da quebra do coco ou do azeite. E a noite, estudar. (….) Eu sempre fui orgulhosa de ser uma quebradeira de coco, né. Eu não me envergonho. Eu gosto muito de me apresentar. A primeira coisa que eu digo que sou mulher, sou quebradeira, filha e mãe de quebradeira. E eu não me envergonho de juntar o coco, de quebrar, de vender a amêndoa, Seja qualquer coisa que venha do babaçu, pra mim, me orgulha. Pra você ver como eu aprendi fazer o artesanato sem ter explicação, foi um dom, aprendi mesmo, sei fazer muitas peças do artesanato do babaçu” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d'Água Cercado - PI).



“Hoje nós somos reconhecidas nacionalmente como uma mulher que não é aquela mulher pobre que não tem direito de lutar, que não tem direito de conquistar, que não tem direito de ter um emprego, que não tem direito de ter uma vida digna. Então, assim, eu ser uma quebradeira, não significa que eu não posso ter nada disso. Ao contrário, o coco, ele é uma renda familiar para a gente. Então, por que a gente tem vergonha de dizer que é uma quebradeira de coco? Não existe isso. Não tem como a gente dizer. Eu não tenho. Enquanto antigamente, muitas jovens tinham vergonha de se identificar enquanto quebradeira. Às vezes a gente se escondia quando a gente vinha dos mato, com o cofo cheio de coco, que passava o dia no mato quebrando o coco. Quando a gente escutava uma moto, a gente tinha vergonha. Até a gente descobrir que o movimento existia e que esse movimento lutava pela nossa liberdade, pelo nosso reconhecimento. Para que a gente pudesse dizer que a gente era quebradeira e tivesse esse orgulho de dizer. Por que tem orgulho de dizer que é uma quebradeira? Hoje é o reconhecimento, o respeito que nós temos enquanto quebradeira de coco” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).



Foto 3: Núcleo Artesanal Rosalina Alves, produção de colares, brincos, chaveiros e outros produtos de artesanato do coco babaçu. Lago do Junco - MA (Março, 2023).



**“Aprendi (a quebrar coco) com minha mãe. Sim, ela era muito quebradeira de coco, minha mãe e minha avó. A gente morava junto, a família. E a gente, minha mãe ia quebrar com a minha avó e a gente ali... porque criança, né, quer tá ali. Criança é curiosa, quer ver, quer aprender. E aí a minha mãe, ela abria os coco, fazia as taiadinha pra nós e nós ia tirando no machadinho cego, pequeno, qualquer pedaço de pau e ajudava. Eu e minha irmã, a gente ajudava a minha mãe quebrar o coco”** (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).

“É, eu comecei a quebrar coco com 10 anos (...) Porque eu sou a filha mais velha, né. Eu andava mais minha mãe pelos matos, caçando coco. Às vezes minha mãe levava até eu no braço. E aí, chegava debaixo das palmeiras, ia juntar aqueles coco, deixava eu debaixo das palmeiras. Saia juntando os coco pra trazer para casa. Aí às vezes ela botava o coco na cabeça e eu nos braço. Cansava, mas era isso. E aí quando eu fui crescendo comecei a quebrar mais que minha mãe” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“Bom, primeiramente, a minha mãe lá onde ela morava não tinha palmeira do babaçu, lá era carnaúba. Então, eu tenho uma vida dentro de duas coisas, da sobrevivência na minha adolescência, pequenininha, tempo que a minha mãe dava pra nós, com o dinheiro era através da palha de carnaúba, né, ela ia tirar e era aquele processo todo pra comprar alimentação. Meu pai, não cheguei a conhecer pai. Meu pai morreu, eu tinha uns 3 anos, né. Aí a minha mãe tinha que trabalhar pra dar o sustento pra nós. Quando ela veio pra cá, pro município de Esperantina, que é aqui onde a gente mora, ela sofreu muito, porque ela não sabia quebrar coco, ela não conhecia ninguém (...) Botava o coco aqui aí tacava a pedra em cima. Nós chorando com fome, ela ia



quebrar ao menos os galhos, tirar aqueles pedacinhos do coco pra dar pra nós chupar pra se entreter e vi ela muito ela contando isso pra nós, né.” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).



*Foto 4: Amêndoa do coco babaçu na casa de Maria de Jesus, Olho D'Água Cercado, Luzilândia - PI (Janeiro, 2023).*

“Na verdade, quando eu tinha 7 anos de idade, já quebrava coco com minha mãe e com meu pai. Ia pra roça, aí quando dava meio dia, minha mãe ia deixar almoço na roça e lá já levava a gente pra ir fazer companhia e também ela ia quebrando coco e a gente ali já ia aprendendo também, ela já botava a gente pra quebrar. Pra ir aprendendo, ela ia quebrando o coco, fazendo as bandinha e a gente só tirando a amêndoa da casca, né. Então assim, a gente foi aprendendo aos poucos, mas com 7 anos de idade já começava a quebrar coco” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Desde muito cedo, meu pai era comerciante e ele trabalhava com a extração do óleo de coco babaçu. Até hoje nós temos a fábrica montada lá em casa. Então, assim, durante toda a história ele sempre disse isso, que criou a gente tirando azeite de coco. Ele sempre diz assim. Então, a gente conhece todo o processo, desde a quebra do coco, da torração, da extração do



azeite. Tudo, a gente conhece tudo” (Prefeita Vilma Limma, São João do Arraial - PI).

“Eu nasci na Fortaleza 3, nasci e me criei lá. Como ainda hoje estou. E aí desde pequena que eu vejo o movimento. (...) Aí eu via minha mãe e minhas tias quebrando coco. E aí criança gosta de... digamos, fazer as artimanhas. E aí eu sempre via elas quebrando com o machado, aí eu sempre tive aquele conhecimento em querer quebrar. Aí eu ia, eu tentava quebrar mas não conseguia, mulher.” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).



Foto 5: Unidade produtiva de Óleo do Coco Babaçu: Maria das Graças Ribeiro, Fortalezas, Esperantina - PI (Janeiro, 2023).

“Eu sou vereador do município e secretário municipal de agricultura. Agricultura e meio ambiente (...) Nós estamos assumindo um cargo a convite da prefeita Vilma e quando a gente chegou aqui na secretaria nós tinha vários desafio. Primeiro era de reorganizar a parte física, estrutural e pessoal da secretaria. A outra maior, eu acho que o maior desafio, ainda tá sendo o maior desafio é de reorganizar os grupos de produção (...) Organizar o grupo das quebradeira ou apoiar o grupo da escala,



eu acho que não seria ele nem reorganizar, até porque o grupo das quebradeiras de coco já é um grupo organizado. Seria apoiar mesmo essas quebradeiras, era reorganizar os grupos de hortas comunitárias do município, os grupos dos artesanatos e a gente conseguiu ou estamos conseguindo mapear. ... Só pra finalizar essa nossa vinda pra secretária, um outro desafio nosso também, ou continua sendo um desafio muito grande é capacitar. Nós temos os grupos organizado, temos apoio financeiro, apoio de insumos através do município e do Governo do Estado, porém nós temos uma deficiência na qualidade do produto. Muitas vezes ter o produto, mas o produto é vendido de qualquer forma ou o agricultor produz de qualquer forma e daí essa é uma preocupação nossa” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial).



Foto 6: Conceição, Adriana e Edsonete. Visita a sede da COPPALJ - Lago do Junco - MA (Março, 2023).



“A Terra era muito pobre, o solo não produzia. O que ela produzia mesmo era Capim, porque era uma Terra só de Capim da pecuária. Aí a gente optou coco já é coco, tinha com quantidade coco, era absurdo. Tinha um tempo que os próprios comerciantes nem queriam coco, porque sapecava roça, pecava as pastagens e o coco sapecava (...) Ele às vezes não está maduro 100% acaba que ele perde uma substância da do da amêndoa e cria um mofo e aí ele não queria. O mês de novembro, que é o mês do auge da safra (...). O coco ficava tão barato que a gente eles nem queriam, mas acabavam comprando porque era fonte de renda da gente e eles faziam aquilo ali só para baratear mesmo (...) Então, depois que a gente passou por esse processo de Conquista de terras, de conflitos Agrário (...) Vamos criar uma cooperativa e comprar coco. E aí criamos essa cooperativa e aí a gente começou a comprar coco. Comprar coco e vender coco” (João Valdecir Viana da Silva, Lago do Junco - MA).

“Eu nasci em uma comunidade chamada Currálinhos, que hoje é município de São João do Arraial. Mas quando eu nasci era município de Esperantina, porque aqui o polo era Esperantina, não existia outros municípios, aí não existia São João do Arraial, não existia Morro do Chapéu. Em 1997 foi que teve a emancipação política desses outros municípios. E quando eu tinha 3 anos, a minha avó saiu da comunidade Currálinhos e foi pra onde hoje eu moro. Que é a comunidade Jenipapo. (...) Eu casei em 2003. E tive minha primeira filha em 2007, filha mais velha. Que eu me casei muito nova, mas não parei de estudar, continuei estudando. Quando eu tive, aí tive outra, minha outra filha, mas continuei estudando. Quando em 2015 eu terminei o ensino médio. E em 2016, eu comecei fazer uma faculdade, com muita dificuldade, porque 2 crianças pequenas, quebrando coco. (...) Minha vó que me ensinou a quebrar coco, quando eu tinha 5 anos (...) Ela fazia as bandinhas, aquilo que a gente chama



de taiada. Tirava aquelas taiadinha que tinha o caroço de coco e ficava jogando pra gente, pra gente aprender a quebrar coco. Foi ela que me ensinou a quebrar coco, ter amor pelo coco. Ela dizia que o coco criou, criou a minha mãe e que tava criando a gente” (Kléssia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

“Nasci aqui na Vila Esperança e permaneço na Vila Esperança. Quando minha mãe chegou aqui, tava grávida de mim, aí eu nasci aqui e os outros não. Meus outros irmãos não, foi em outro lugar. Aí hoje a gente ainda permanece aqui...Foi a partir dos 13 anos que eu comecei a quebrar coco. Quando eu era menor eu era muito mimada, não quebrava não. Mas quando, a partir dos 13 anos eu comecei quebrar, aí fui estudar fora na cidade, aí retornei depois que eu engravidei do meu filho mais velho, aí continuei quebrando, arrumei o serviço fora à parte mas continuei quebrando coco, ajudando minha mãe” (Valdirene Barras Conrado, Vila Esperança - PI).

“Primeiro, o babaçu eu tenho uma estreita relação que vai da paisagem, de ouvir o barulho do Machado quebrando coco, da coleta. Então, meu pai juntava muita gente e eu sempre fiz parte disso, pra fazer a cata do coco embaixo dos babaçuais. Do transporte, depois a quebra, eu tenho inclusive cicatrizes no corpo que foi associada ao machado que quebrava o coco, uma vez eu disputando o machado, quem ia quebrar coco com uma prima, o machado escorregou e cortou o meu dedo no meu pé (...)” (Deputado Francisco das Chagas Limma, 57 anos, Teresina - PI).

“Agora tá é bom, Adriana... Porque no meu tempo não tinha assim de ficar quebrando aqui, era lá no mato, chegava lá... eu mesmo, chegava essa hora assim, eu chegava deitava no chão, dormia um sono, pra depois comer um pouco de arroz branco.



(...) Aí quando chovia fazia hoje pra comer amanhã. (...) o povo não acredita não quando eu falo essas coisas.” (Eliene Conceição Batista, Ludovico - MA)

“Comecei a conhecer um modo de vida tradicional, muito próximo da minha realidade. Se eu pensar em termos de distância, distância é territorial, não é bem próximo do da região metropolitana, ali de Belém, mas que eu desconhecia. Ainda não tinha esse vínculo, mas me encantei muito, principalmente sobre a questão dos saberes tradicionais como eles são. É perpetuados de geração para geração as adaptações, as tecnologias embutidas. Aquilo foi me chamando muita atenção, tanto que quando eu volto para a Universidade, eu já volto num curso de pós-graduação voltada para a extensão rural, para o desenvolvimento social” (Anny da Silva Linhares, São Luís - MA).

**“Assim, a relação do coco do babaçu com a quebradeira, com as pessoas que é de comunidade quilombola, remanescente, extrativista é uma relação de vida, de amor, de vivência.** É uma coisa que a gente vem trazendo do dia a dia. E aí a gente vai reproduzindo.(...) Quando eu era criança, a gente morava na casa coberta de palha de babaçu e ao redor era com tala, era tudo do babaçu. Então, é uma coisa que eu não sei nem explicar como é que Deus pensou de ter botado o babaçu, que é uma coisa de muita utilidade pras quebradeiras, pra mim é o tudo” (Maria de Jesus Alves de Macedo (Dijé), Santana - MA).



## Quebrar coco



*Foto 7: Cacho de Coco Babaçu, quintal de Tatiana, Fortaleza 4, Esperantina - PI (Janeiro, 2023).*

“Quando eu olho um coco, o coco babaçu. Eu penso em resistência. Eu penso em força. Eu penso em alimento. Eu penso em mulher. Eu penso em força, às vezes em dureza, né. Assim, que às vezes é... mas em luta também, né. É... eu vejo essa questão da... é muito isso da luta, das oportunidades, da resistência, da força, da Conquista, do alimento. Eu vejo isso” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).



**“Quebrar coco para mim é uma grande responsabilidade, é um grande trabalho, porque todo o trabalho que você faz é digno,** principalmente a quebra do babaçu, porque quando a gente sai de casa para vir para o mato, como você está vendo, está nos acompanhando. Está vendo aqui como é a situação, é porque a gente tem necessidade. (...) é a profissão que aprendemos e é muito bom. É trabalhoso, mas é divertido... [quando eu olho para a palmeira do babaçu eu penso] é na malvadeza dos fazendeiro, quando eu olho para uma Palmeira que é uma coisa que Deus deixou, ela é da natureza e a derrubada tá tão grande. Os fazendeiros derrubando que estão a ponto de deixar nós sem lugar para quebrar o babaçu. Então pra mim isso aí é uma malvadeza, porque estás tirando o trabalho, a vida de uma mãe que cria seus filhos através daquele babaçu e isso que eles estão fazendo é acabando com a natureza.” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).

“Quebrava meio quilo de coco por dia, porque eu queria comprar alguma coisa. Porque o coco para nós é uma fonte de vida, é uma fonte de todas as condições” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“Através do coco foi que eu fui pegando esse conhecimento e às vezes até roupas eu comprava quando eu quebrava coco, porque quando eu morava mais minha mãe eu comecei a quebrar coco e ia comprando minha roupinha também, né. Aí depois que eu casei, eu criei meus filhos tudinho quebrando coco... para mim [quebrar coco] significa um gosto, é uma vontade, é um gosto de viver, porque se você tem essa ajuda de quebrar coco, eu acredito que é mais uma forma da gente se mostrar que é trabalhador rural, moro na roça e gosto de viver daquilo que tem na localidade.” (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).



“[O que você pensa primeiro, assim, quando olha pro coco?] Penso nas mulher, as mulheres, é muito importante isso aqui na vida das mulheres. É, eu acho, assim que eu acho que se não existisse o coco. Não existe essa independência assim das mulheres, não é essa autonomia que elas podem fazer. O que elas querem” (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).

“Hoje, a quebra do coco, pra mim, é um conhecimento. Por que eu digo que é um conhecimento? Porque muitas pessoas olham pra gente, quebradeiras de coco, e veem apenas pessoas sofridas. Mas, ao mesmo tempo, nem percebem que quebrar coco é uma arte, uma sabedoria. Quer fazer um teste? Tente quebrar um coco... A gente aproveita tudo do coco: a amêndoa, o mesocarpo. A casca, por exemplo, antigamente a gente usava muito, mas hoje já estamos em outro patamar. Antes, a casca servia pra acender o fogo do carvão, fazer fumaça para espantar os insetos e até como alimentação pros animais, porque é só fibra, muita fibra. E o carvão? Ele também é do coco, servi pra cozinhar. Aliás, até hoje ainda cozinhamos com ele (Sandra Silva Cardoso, Esperantina - PI).

“Eu sempre falo a quebra do coco e que a questão de ser quebradeira de coco, de ser filha de quebradeira de coco ou se identificar é uma questão de identidade e todos os espaços que eu estou eu sempre digo a minha origem, sempre falo que eu defendo, porque eu me identifico, né (...) Eu sempre digo que as quebradeiras, elas são as guardiãs das palmeiras. Porque a gente sabe o quanto as palmeiras são perseguidas para serem derrubadas. E se não existissem as quebradeiras organizadas no Movimento, as palmeiras já teriam sido exterminadas. E ela faz uma defesa da palmeira, pela identidade, por elas entenderem



que fazem parte. Por as quebradeiras entenderem, por a gente entender que faz parte do nosso cotidiano, mas também, principalmente, porque através dela que tem toda a história de sobrevivência, de luta, de existência, de identidade. Então, se não existe um, não existe outro. Então, a palmeira precisa da quebradeira e a quebradeira precisa da palmeira” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“Aí até hoje tô nessa luta de ser quebradeira de coco até o dia que Deus permitir, porque é muito bom, a gente quebrar coco. E... tem muita fartura, o coco. Coco dá muita coisa, pra quem sabe aproveitar, ele é bem aproveitado. E é um trabalho digno, que toda mulher possa trabalhar que ele é um trabalho que ajuda” (Francisca Lima Rodrigues, Olho d’Água Cercado - PI).



Foto 8: Dona Maria do Carmo quebrando coco, Vila Esperança, Esperantina - PI (Janeiro, 2023).



“Eu me levanto 5 horas da manhã, já com o sentido nos meus coco, de eu arrumar as coisas e vim pros coco. De arrumar as coisas e vim pros coco, pra quebrar coco, acho muito bom. E aí, é bom demais quebrar coco, porque a gente se entretém, o sentido da gente, o serviço...” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

[A quebra do coco] “é um divertimento, assim... (...) fica na profissão que a gente tem. Porque a gente que é dona de casa, às vezes não tem outro trabalho, cuida da casa e vai atrás do coco pra ajudar mais. E até que porque agora, de através do MIQCB, ele tá tendo, assim, mais avançado no preço, né (...) O preço do babaçu era muito barato. Hoje ele tá mais... ele evoluiu mais um pouco, né. Aí anima mais a quebradeira, né, porque não tá assim muito barato. Mas a gente queria que ainda melhorasse mais, né. Porque é um serviço muito sofrido. Assim, a gente faz porque a gente precisa muito, mas ele ainda tá ainda muito barato ainda, porque a gente sofre muito pra ir atrás, né. E a gente quer que melhore mais o preço do babaçu para as quebradeiras de coco.” (Francisca Lima Rodrigues, Olho d’Água Cercado - PI).

“Ah, **quebrar coco significa vida. Assim, significa muita coisa, né. Significa ser mãe, ser filha, ser vó.** Que vem de uma geração, de uma tradição. Minha vó era quebradeira, minha mãe e eu, meus filhos.” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

[Quando você vê o coco, o que você pensa?] “Eu penso na dificuldade, porque muitas vezes é difícil e às vezes se torna barato e as pessoas não dá valor. Muitas pessoas não dá valor pelo trabalho que ele tem.” (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).



“Ó, é uma atividade cansativa, mas no mesmo instante é onde você tá entretida ali, tirando o pensamento de outras coisas, você tá ali, é bom. Aí, quando a gente ficava no mato quebrando um coco, ainda era melhor, que a gente tava tendo contato com a natureza, tava ouvindo o canto dos pássaro, sabe, aquela coisa maravilhosa. (...) E o quanto eu não já enchi minha barriga através dessas coisinhas (amêndoa) aqui.” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

“Quando eu olho pro coco babaçu, eu só penso assim, será que é bom esse coco... (Risos) ou será que é ruim, né (Risos). Mas eu trago muita recordação, também, do sofrimento que a gente passou, né. Que hoje eu tenho minha casa, é de projeto é tudo. Mas hoje eu me considero rica, né. Hoje eu me considero... ixi, Maria, eu sou rica demais. Porque tipo assim, no tempo minha casa era de palha. Era parede de palha, teto de palha. Hoje... aí quando as paredinha secar, quem ficava pro lado de fora não via não, mas quem tava lá fora... lá dentro, quem chegava lá fora, você podia olhar que via. (...) Ah e quebra do coco, eu diria que significa, que um ganho a mais que você tem, né. Tipo assim, não é uma coisa que você quebra e que você se sente bem. Não. Você se sente muita dor, inclusive na parte íntima, você sente, né, perto da barriga.” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

“Quebrar coco pra mim significa uma profissão, assim, um complemento da renda familiar, né. Porque, assim, hoje em dia a gente não vive só da quebra do corpo, a gente também vive da roça, de plantar feijão, milho, mandioca, arroz. Mas a quebra do coco é mais um complemento. (...) Mas quando a gente tem um monte de coco daquele dentro de casa que a gente quebra a semana todinha, e a gente pensa em alimentação garantida. Porque você tendo aquele monte de coco você sabe que você tem sua alimentação garantida, porque se todo dia você quebrar



nunca vai faltar nada na sua casa pra você comer nem você alimentar seus filhos. Porque tem o coco garantido ali pra você quebrar.” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

“Olha, o que eu digo que significa quebrar coco pra mim: é tudo, né. Por que? Porque eu nasci, **eu me criei minha mãe quebrando o coco pra me dar o sustento, né (...)** Então assim, pra mim, por quê que eu digo que é tudo? Porque nós fomos criadas pelo coco babaçu, então, assim, quando eu digo que ele é tudo pra gente, porque inclusive a luta da nossa comunidade também se deu por conta do babaçu. Foi através da luta pelo babaçu na nossa comunidade que a gente hoje conquistou o assentamento. **A gente conquistou as casas, água, luz**” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

[O que você pensa primeiro, assim, quando olha pro coco?]  
“ Penso no sustento da nossas famílias, dos nossos filhos. E eu digo assim, tem muitas pessoas que diz assim, ‘eu não quero que meu filho quebre coco,’ pois eu quero que os meus filhos quebrem coco. Por que que eu quero? Porque eles só vão entender o que é quebrar o coco, a dificuldade que tem e valorizar, me valorizar como mãe, como mulher, quando eles também saber quebrar o coco, que eles vão saber a dificuldade que tem, vão saber a necessidade que se tem de se quebrar. Não é que eles têm que viver a vida toda só quebrando o coco, mas eles precisam aprender a minha cultura, a minha identidade.” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Eu sou filho de quebradeira de coco. Meus pais toda a vida quebraram coco, minha mãe era quebradeira de coco. Faleceu tem cinco anos. Toda a minha família. A gente mora na zona rural do município. E toda a minha família tem esse vínculo e eu



sou apaixonado pela essa linhagem da agricultura familiar e que a gente não deixe de fora as quebradeiras que tá todo mundo envolvido. Assim, pela história de luta do movimento e tudo. A gente é muito próximo mesmo” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial - PI).

[O que você pensa primeiro quando olha pro coco?] “Subsistência. As pessoas aqui do município e a região dos territórios cocais. Por isso que a região, ela é denominada territórios cocais pela característica, pela presença mesmo da palmeira do babaçu. As pessoas, elas vivem ainda muito do extrativismo do babaçu” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial - PI).

[O que você diria que significa quebrar coco?] “Eu vejo que quebrar coco é mais do que uma atividade produtiva, embora enquanto atividade produtiva seja muito importante, porque afinal de contas da quebra do coco é que elas tiram a sustentação pra muitas famílias. Uma das características do movimento é que essas mulheres, muitas delas são chefes de família... Mas não é só o fato de quebrar coco que é importante mas uma coisa que eu percebo é que muitas delas que já não quebram o coco ou porque não tem acesso ao babaçual ou por problemas de saúde ou por conta da idade, mesmo assim elas não deixam de dizer que são quebradeiras de coco babaçu. Então, é interessante porque o quebrar coco vai além, assim... a quebra do coco... ser quebradeira de coco babaçu vai além do ato, da atividade mesmo de está lá com o machado quebrando o coco. Tem a ver com uma identificação, identidade.” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

[O que você diria que significa quebrar coco?] “Que é fonte de sustento, fonte de vida, pra elas são como filhos,que elas



falam que o coco, a palmeira dá filhos, dá frutos e eu acho que o coco representa muito também essa preocupação com a reprodução social da comunidade, se essa comunidade vai se perpetuar, se os jovens vão afirmar essa identidade também, se elas vão continuar exercendo essa atividade” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

“É o coco que nós quebra é pra tirar o azeite, é pra vender. O azeite é pra temperar a comida. E aí, o coco que nós quebra a não ser tirar o azeite é pra vender, pra comprar o arroz, o feijão, aí a carne que sobrar (...) A sobrevivência é essa, é o nosso coco” (Maria de Jesus Filomena da Silva Brito, Faveira - PI).

“Eu queria que [o coco] fosse muito mais valorizado. Essa extração, eu não consegui ainda compreender o porquê. Mas é um processo muito bonito que eu acho que precisava ser mais valorizada” (Prefeita Vilma Limma, São João do Arraial - PI).

“Olha, antigamente as pessoas só viviam de quebrar coco, hoje não, hoje tem mais possibilidade, mas é uma rotina pra mim, quebrar coco, eu tiro azeite. É normal. Eu arrumo serviço fora, tem gente que pergunta, você não tem vergonha de quebrar coco? Claro que não. Minha mãe é quebradeira de coco, porque eu vou ter vergonha? Ela não teve oportunidade de estudar, de trabalhar... daquele tempo as coisas era muito mais difícil do que hoje. E ela me ensinou a quebrar coco, eu aprendi e não tenho vergonha não” (Valdirene Barras Conrado, Vila Esperança - PI)

“Quebrar coco significa... é muito bom, porque você... com a venda você pode fazer muitas coisas. Até da casca faz o artesanato” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).



“Ah eu sim eu já quebrei muito coco. Eu quebrei coco no início da cooperativa (...) Quem quebra coco aqui é tudo de tradição. (...) Olha, o babaçu pra nós aqui que é uma coisa nativa é um complemento da nossa renda. Nós que estamos hoje aqui aonde estamos, eu não queria perder esse princípio porque foi tanto importante pra minha criação, formação, educação e hoje economicamente e super importante pra preservação e para a vida da cooperativa” (João Valdecir Viana da Silva, Lago do Junco - MA).

“Ah, quebrar coco para mim é tudo. Tudo. Acho que aprendi a quebrar coco quando eu tinha 5 anos e quando eu tinha 10 anos, já quebrava 3 kg de coco. Então, assim, eu aprendi a valorizar a Palmeira do babaçu, aprendi a cuidar, porque dali eu sabia que vinha meu alimento. (...) Eu tenho um amor muito grande à palmeira” (Kléssia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

“Significa muito porque a gente nunca deixa de fazer parte da história, né? Não, a gente nunca deixa de ser uma quebradeira de coco” (Aldenir Gomes Damacena Souza, Centro do Aguiar - MA).

“Essa quebração de coco, ela já vem desde do bisavós. Não era, assim, com tanta frequência que nem se quebra hoje, mas a minha mãe quebra, a minha avó quebrava, minha mãe quebrava e, assim, foi passando pros filhos e hoje eu sou... desde os meus 6 anos, eu sou quebradeira (...) Todo tempo eu disse que eu não quebro coco por obrigação. Tá certo, eu preciso? Preciso e eu quero para remediar a necessidade. Mas eu quebro coco porque acho bom. Gosto de quebrar e gosto de defender a minha profissão, como quebradeira” (Sebastiana Ferreira Costa Silva - Dona Moça, Ludovico - MA).





Foto 9: Dona Isaura e Dona Socorro quebrando coco, Fortaleza, Esperantina - PI (Janeiro, 2023).

“Quando ela se levantava do chão que estava quebrando, que ia olhar as panelas que estava no fogo, eu sentava ali tentando abrir um. Aí quando ela percebia do meu esforço, ela abria o coco em 4 pedaços, deixava um pouquinho do caroço pra mim ver aí facilitava (...) E foi assim que eu aprendi, aí depois que eu aprendi, eu ia para o mato com minha avó e lá eu fui aperfeiçoando a minha habilidade em quebra coco. Aprendi fazer carreira, aprendi fazer sabão, tudo pelos conhecimentos tradicional da avó e da mãe.” (Maria Alaídes de Souza, Lago do Junco - MA).

“Quebra coco, significa ter uma sustentabilidade para viver, para se alimentar. Quebra coco significa um trabalho que muito de muitos momentos da minha vida eu tive vergonha de ser essa quebradeira, mas com o passar do tempo, a sociedade me ensinou. Eu assumi essa identidade com orgulho. Quebra coco significa para mim um trabalho honesto” (Maria Alaídes de Souza, Ludovico - MA).



“[quebrar coco] Não é precisão, é profissão... Trabalhar é um divertimento da vida” (Maria de Fátima Aveline Pereira de Castro - Nega Fa, Lago do Junco - MA).

“Ela dá o estrume, ela dá o coco, ela dá a palha para cobrir a casa e lá encima no olho dela tem um palmito que a gente também faz e come também (...) Ela serve pra muitas coisas” (Doura, conversa informal no mato catando coco, Codó - MA).

“É uma grande responsabilidade, é um grande trabalho, porque todo o trabalho que você faz é de é digno, principalmente a quebra do babaçu, porque quando a gente sai de casa para vir para o mato, como você está vendo, está nos acompanhando. Está vendo aqui como é a situação, é porque a gente tem necessidade. (...) E é trabalhoso, mas é divertido” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).

“Nós não vamos derrubar a Palmeira, porque tudo depende de cuidado e a gente acha ruim quando vem pessoas que não tem amor pela natureza, que chega derrubando” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).

“Ah, quebrar coco pra mim, pra mim e pra muitas quebra-deiras significa muito. Porque, assim, a gente vive da agricultura, mas a agricultura, ela é uma boa parte pra nossa alimentação, mas a quebra do coco babaçu, ele tem muito derivado que nas nossas vidas, na vida das famílias quebradeira de coco, ela é o tudo. Porque quando você não tem outra remuneração, a quebra do coco dá pra gente sobreviver.” (Maria de Jesus Alves de Macedo - Dijé, Santana - MA).

“Primeiro para nós, é um. Como é que diz? É uma identidade renovada, né? A mulher empoderada quando ela quebra



coco vende, tem seu dinheiro, faz seus negócios, então quebra coco pra uma mulher deve ser um aprendizado. A gente já nasceu fazendo esse serviço, cresceu já vendo fazer e hoje, com a questão de se organizar em movimento, para nós é uma honra muito grande ser uma quebradeira que faz todas essas coisas que nós fazemos.” (Cledeneuza Maria Bezzera Oliveira, Marabá - PA).

“O coco é bom, porque que a gente se serve daquilo que a pessoa quebra e compra o que tem precisão, por causa do coco. Por exemplo com aquele azeite que a gente tira. É uma boa pra gente. Se não tivesse coco a gente ficava com a cara pra cima sem fazer nada.” (Maria do Carmo Menezes de Oliveira, Vila Esperança - PI).

[Falando sobre alguém que estava ameaçando as Palmeiras]  
“fulano, quando você chegou essas palmeiras já estavam aqui. Se você arrancar essa palmeira daqui nós vamos viver do que? Você tem o peixe pra comer, se nós arrancar seus peixe, você não vai achar bom, do mesmo jeito a gente não acha bom você derrubar nossas palmeiras. Então deixa elas. (...) O coco é pra quem quer quebrar, a Palmeira serve pra um bucado de pessoa, (...) o coco é pra todo mundo. A palmeira ela da um cacho de coco, daí eu vou e pego 10 coco dela e sigo pra frente, daí pego mais 10 noutra, quando vem outra pessoa já pegou outros 10. Então serve pra tudim.” (Maria de Fátima Aveline Pereira de Castro - Nega Fa, Lago do Junco - MA).





## Mãe palmeira: uma mãe que cuida e é cuidada



*Foto 10: Palmeira do Babaçu, Vila Esperança, Esperantina - PI (Fevereiro 2023).*



[A palmeira] “Cuida muito. Muito... essa relação é forte. Essa relação é muito forte. E a palmeira sempre cuidou de mim, sempre cuidou da minha família, sempre cuidou. Matou a fome da minha família, mata a fome de muita gente. E é através da palmeira que muitas oportunidades também nos foram dadas. (...) Ela tá no quintal da minha casa, no quintal do meu interior, no quintal da minha comunidade. Ela cuida porque ela dá oportunidade para várias mulheres tirarem o seu sustento, **então ela precisa existir para que a gente possa existir também, porque se ela não existe, a gente não existe.**” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“Quando eu olho para uma palmeira, eu vejo uma mulher, uma mãe e uma filha também. Que é o que hoje a gente vê. Por quê? Uma mãe porque ela brota seus filhos para criar os seus outros filhos que tem. Então, a palmeira, ela tem um ciclo de vida que nem nós, mulheres. Ela tem o tempo dela brotar, o tempo dela parir e o tempo dela criar. [...] Ela é uma mulher que ela vive para nós. E a gente respeita ela. Por que a gente preserva a palmeira? Porque além dela ser uma mulher, é uma mãe. E dói muito a gente ver elas serem destruídas sabendo que são elas quem trazem o fruto para nos sustentar. Então, tudo isso são questões da gente reconhecer, o respeito, da gente preservar essa mulher, essa palmeira, essa natureza, que não serve só para gente, serve para os animais.” (Francisca da Silva Nascimento (Neném), Chapada da Sindá - PI).

“Quando eu olho uma Palmeira, eu enxergo toda uma história. [...] que ela tem que ser protegida, que ela tem que ser conservada, mas que aquela palmeira ali, ela foi responsável por muitas conquistas. E ela tem toda uma simbologia, por isso que é a mãe palmeira.” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).



“Pra nós é mãe, vó, tia, irmã, é tudo. Sabe por quê, Adriana? Porque... hoje não. Hoje já tem bolsa família, hoje já tem esses programas do governo aí, que já ajuda muito, mas no tempo que eu pari meus filhos, não tinha nada. Tudo era do babaçu. Pra comprar o caderno do filho estudar, tinha que ser o babaçu, a roupa, o leite pra ele beber. Tudo. Aí a gente já costuma dizer, é a minha mãe. Eu sou criada com leite do babaçu, com a amêndoa do babaçu. E a gente fala isso com muito orgulho, não é da boca pra fora, não. É com muito orgulho de ser quebradeira, de ainda hoje tá... eu quebra o coco hoje, não é porque eu posso quebrar mais tanto, mas eu quebro porque nós sofremos muito e nós criamos uma cooperativa e eu quero honrar minha cooperativa até quando eu puder trabalhar, eu vou quebrar coco pra honrar” (Sebastiana Ferreira Costa Silva - Dona Moça, Ludovico - MA).

“Ah, eu penso na vida porque para mim uma palmeira de coco babaçu é vida. Ela é como uma mãe para gente que quebra coco. É como em várias regiões. Aqui na região do Território dos Cocais onde a gente vive, a fonte de renda da gente é o coco. Por isso que a gente considera a palmeira como uma mãe, porque sem a palmeira para ela gerar o cacho de coco para a gente tá indo pegar aquele coco e fazer os produtos da gente, a gente diria que não seria nada.” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

[A palmeira do babaçu] “Cuida, cuida, sim. Acho que a palmeira cuida mais de mim do que eu cuido dela. Porque, assim, eu cuido, porque eu não quero que derrube e não vou lá derrubar. Mas eu não vou estar diretamente todo dia ali perto dela, que pode vir alguém e derrubar ela. E ela cuida de mim mais, porque se eu for lá hoje, ela tem um coco no chão, se eu pas-



sar lá amanhã, ela tem um coco no chão. Se eu passar depois, ela também tem o coco no chão. Então, eu acho que ela cuida mais de mim do que eu cuido dela.” (Klésia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

“Ela serve de tudo pra nós, dá a casa, dá o estrume, a palmeira é tudo. Se não for ela ninguém tava aqui, nós morria de fome.” (Eliene Conceição Batista, Ludovico - MA).

“Eu sempre digo que as quebradeiras, elas são as guardiãs das palmeiras. Porque a gente sabe o quanto as palmeiras são perseguidas para serem derrubadas. E se não existissem as quebradeiras organizadas no Movimento, as palmeiras já teriam sido exterminadas. E ela faz uma defesa da palmeira, pela identidade, por elas entenderem que fazem parte. Por as quebradeiras entenderem, por a gente entender que faz parte do nosso cotidiano, mas também, principalmente, porque através dela que tem toda a história de sobrevivência, de luta, de existência, de identidade. Então, se não existe um, não existe outro. Então, a palmeira precisa da quebradeira e a quebradeira precisa da palmeira” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“É uma mãe. Na realidade, é uma mãe. Porque é dali que a gente tira o sustento. Retira palha para cobrir a casa, para a gente morar. A gente faz a parede, até esteira onde... hoje não porque tá mais avançado. Mas ainda tem família que ainda fecha a porta da casa com a esteira e é feito do babaçu. Agora, já pensou se não tivesse essa mãe? Para dar palha para a gente fazer o nosso teto, para fechar a nossa casa, para dar o sustento?” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d'Água Cerrado - PI).



“Ela dá o sustento para a gente. Porque a mãe é quem sustenta os filhos. Assim é a palmeira, dá o sustento” (Francisca Maria Silva Alves - Bei, Olho d’Água Cerrado - PI).

“É uma mãe. Porque o mesmo respeito que uma mãe tem de cuidado do filho, a palmeira tem de cuidado com a gente, que somos os filhos dela, porque a gente depende dela. Então, ela tem esse cuidado de botar o seu filho para nos sustentar. Como é que a gente vai dizer que ela não é uma mãe? Ela é uma mãe.” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Ah, a palmeira é vida. Palmeira é vida, sustentação, muitas famílias tiram a base do sustento da palmeira. Então, a palmeira é tudo. A palmeira é tudo.” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).

“Ela é e se torna mãe não só das pessoas, como dos porcos que come, às vezes até gado rói, rói o coco, tira massa. Por isso que muitas pessoas dizem que a palmeira é uma mãe. Porque ela é filha da natureza e sustenta muita gente. Porque dá a amêndoa, dá a massa, a casca pra o carvão, o pelo faz granito de acender fogo, as palhas a gente tira pra fazer... cobrir casa. Às vezes até as palmeiras... as paredes é feito também das palhas das palmeiras, né. É importante. Bem ali tem uma casinha coberta com as palhas dela. Por isso que é muito importante a vida de uma palmeira. (...) Ela tem que ser livre para todo mundo, porque foi Deus quem fez com que as palmeira existe. Não foi nem um político, nem um poderoso que plantou. Eu acho que elas são da sociedade, são nossa. Principalmente pra quem zela, pra quem cuida” (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“E a palmeira sempre cuidou de mim, sempre cuidou da minha família, sempre cuidou, matou a fome da minha família, mata



a fome de muita gente, né. E é através da palmeira que muitas oportunidades também nos foram dadas (...) Ela cuida porque ela dá oportunidade pra várias mulheres tirar o seu sustento, então ela precisa existir pra que a gente possa existir também, porque se ela não existe, a gente não existe” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“Sim, é como se fosse um parente. Há um vínculo especial entre a mãe palmeira e as quebradeiras de coco. Uma palmeira leva muitos anos pra crescer e chegar à fase adulta. Ela demora muito pra começar a produzir. A quebradeira faz uma comparação bonita: é como a gestação de uma mulher, que carrega o bebê por nove meses, enquanto a palmeira gera o coco também por nove meses. Quando alguém derruba uma palmeira, muitas vezes ela nem chegou a dar frutos. Ninguém pensa no tempo que levou pra ela crescer. Pra nascer outra no lugar, são mais 15 anos. É muito tempo. E, além disso, é desnecessário, porque a gente aproveita tudo da palmeira. Tudo mesmo! Até quando ela morre, o caule vira adubo. Cada parte da palmeira é aproveitado.” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina - PI).

“Então, por que a gente não iria ter amor por algo que significa tanto e que dá tudo pra gente, não é? Quando eu vou pra outros lugares, e só vejo aquelas vegetação pequena e rala eu penso: nós somos tão ricas, porque as nossas palmeiras são uma beleza, nosso território é coberto por babaçual. Eu não sei se todo mundo pensa assim, mas nós achamos uma riqueza de natureza. (...) Eu, Sandra, me sinto tão feliz quando estou dentro daquela mata, vendo as palmeiras balançando as palhas, sentindo aquele ventinho fresco e aproveitando a sombra. É tão bom respirar aquele ar puro. O silêncio, a paz, a tranquilidade, e o canto dos pássaros ,das cigarras. Me diga, mulher, se isso não é cuidado? É uma riqueza que você não encontra em outros lu-



gares, muito menos numa cidade grande. É um lugar onde você pode ter tranquilidade, meditar e refrescar a mente.” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina - PI).

“Porque a mãe palmeira é assim, uma mãe que dá um sustento, para o filho, né, que tá precisando. Porque uma mãe que ela tem seus filhos, às vezes ela não tem nada para botar na panela, ela senta ali de manhã até meio-dia, ela quebra, vai vender e traz o alimento pra dentro de casa, né. Aí por isso é que chama a mãe palmeira, por causa disso. Porque ela dá o sustento para a outra mãe” (Francisca Lima Rodrigues, Olho d’Água Cercado - PI).

“Quando eu vejo a palmeira sabendo que é vida, né, que vai cuidar de outras vidas. Aí eu ver ela sem o cacho é como a gente ver uma mulher sem um filho. Quando a gente vê ela com dois cachos, né, a gente já fica imaginando tal tempo vai cair aquele coco, eu vou juntar, eu vou tirar mesocarpo, eu vou fazer o azeite, eu vou fazer o carvão. Ai a gente tá vendo ali aquela mãe que vai dar o sustento pra outras mães. E a gente se alegra. (...) A gente protege, ela, assim como a gente protege a nossa família, né. Porque a mãe protege os filhos, né. Do mesmo jeito, a gente protege a nossa área, protege uma companheira que mora do lado, né. Porque eu tenho que pensar em mim, mas também tenho que pensar na companheira que tá do lado, na companheira que poderá vir futuramente. É o cuidar, o cuidar é esse.” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).

[Como a palmeira cuida?] “Minha filha, ela cuida bem assim, porque agora não, porque nós moramos nessas casas assim, né. Mas quando nós morávamos mais afastado, que a nossas casas tudinho era com bastante palha, nós tínhamos que pegar



lá nela pra nós poder se cuidar, né. Como fala, ficar na sombra.” (Francisca Maria Silva Alves (Bei), Olho d’Água Cerrado - PI).

“Ave Maria, quando é para palmeira, eu fico animada porque... e mais ainda quando ela tá com o cacho dela. Porque eu sei que ela tá com aquele cacho, ela vai cair pra mim quebrar ele, né. Eu fico animada demais quando eu ia pras palmeiras, eu peço até a Deus pra Deus me conceder, assim, pra mim tá quebrando meu coco.” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

[Você acha que a palmeira cuida?] “Cuida. Porque ela tá me dando alimento, né. Ela tá botando o coco, né, ela tá produzindo o coco pra mim trabalhar pra comprar alimento.” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“É igual a mulher mesmo, né. Aí com 9 meses que ele (o coco) vai cair. Pode ser uma palmeirinha dessa aí, ó o cachão ali dela, (o coco) já tá caindo. Aí só a palmeira dessa botar o cacho, você pode prestar atenção. Quando ela botar o cacho, você pode contar que é 9 meses, com 9 meses o coco caí. Começa a cair do cacho” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“A palmeira cuida, porque a palmeira tem, eu não sei dizer muito, mas ela traz oxigênio, né, pra gente, ela traz água, né. As pessoas que estudam isso, diz muito isso pra nós, né (...) Então ela cuida da gente, (...) outras coisas no verão até morrem, né. Mas a palmeira não morre não, ela bota o fruto, porque aí nós não íamos viver se não tivesse esse fruto, né. Porque a gente tem, você viu que nós estamos no inverno, mas já tem um cachinho lá, que a palmeira pariu, que daqui a 9 meses vai estar no verão, vai ter no coco para nós, entendeu? Então ela cuida muito bem” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).



“A mãe não dá o leite? Aí ela dá o leite também. Então ela, a mulher, ela tem 9 meses para ter um filho e ela, a palmeira, também tem 9 meses. A mulher, ela a partir de 15 anos, 16 anos pode ter filho, a palmeira também. Ela bota o cacho a partir de 15 anos. Então tem muita semelhança com a gente, né. Acho que é por isso que a gente é resistente porque a gente tem um semelhante a ela. Mulher resistente, todas as mulheres são resistentes, né.” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

[E quando a senhora olha pra uma palmeira do babaçu, o que você pensa primeiro?] “Mãe amada. Mãe querida. Por isso que nós não derruba (...) Bom, penso que ela é uma mulher tão linda, bonita, mãe carinhosa. Não maltrate os filhos dela. Ela tá disponível mais do que a gente pra dar pro seu filho pra sustentar outros filhos, outras filhas. Pra sustentar... eu posso dizer, pra sustentar o Brasil ao todo.” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

“Porque a gente não só defende a palmeira e os babaçuais. Mas porque dentro dos babaçuais tem várias vida, né. Nós protegendo as palmeiras e protegendo as vidas que tão lá dentro, né” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

“Cuidar para mim é uma reciprocidade. Cuidar é amar. É vigiar. Vigiar. É como se fosse um ‘eu estou te olhando’, é um ‘contigo ninguém mexe’, um ‘se alguém mexer contigo, eu denuncio se alguém mexer contigo eu não fico satisfeita e se alguém te ofender, eu denuncio’. ‘Eu cuido de ti porque você cuidou de mim.’ Reciprocidade por que você cuidou de mim porque me deu as formas de viver, me deu as formas de criar. A Palmeira muitas de nós chamamos mãe Palmeira. E tem muito seminário que a gente sensibiliza o público dizendo: lá onde existem uma Palmeira em pé, existe uma mulher. Lá onde existe



muitas mulheres, existem muitas Palmeiras em pé.(...) A Palmeira cuida e ela é teimosa. Ela é resistente!” (Maria Alaídes Alves de Sousa, Lago do Junco - MA).

**“Ah, eu acho que para mim cuidar é a palavra-chave de não devastar. Cuidar é viver, é zelar.”** (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“Acho que cuido dela, né. Porque se eu ver alguém cortando a palmeira sem nenhuma serventia claro que eu vou falar, né. Por que você tá derrubando essa palmeira? Não pode derrubar a palmeira. Porque eu aprendi na reunião do MIQCB, não pode derrubar a palmeira, não pode tocar fogo.” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

“Eu não sei se você já observou o coco, ele tem o bico, né. Ele ele é no formato do bico do peito da mulher. A palmeira ela bota a flor, a flor nasce o coquinho, o coco vai amadurecendo até ele ficar no ponto de cair, né. A quantidade de meses a mulher leva pra gestar, pra gerar uma criança, né, o período de gestação, a palmeira também ela tem essa mesma quantidade de meses pra gerar o cacho de coco que são nove meses, por isso a gente considera que a palmeira é uma mãe” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

“Se a gente cuidar bem da palmeira pra que ninguém corte, pra que ninguém derrube o cacho de coco maduro, porque quando derruba o cacho maduro sempre atrasa a palmeira, ela demora mais botar. Com certeza se a gente cuidar dela dessa forma ela também vai tá cuidando bem da gente porque ela vai estar botando mais cacho de coco pra gente quebrar” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).



“Então a Palmeira tem uma grande importância. Eu sempre digo que a Palmeira é a nossa mãe (...) Uma mãe, ela não cuida dos filhos? Pois é, a Palmeira também. Eu acho que ela cuida da gente; Por isso que nós devemos ter também um cuidado por ela, né? Porque é dela que nós tiramos uma parte da sobrevivência. E se a gente não tiver o cuidado com ela daqui uns tempos não vai ter mais palmeira...” (Aldenir Gomes Damacena Souza, Lago do Junco - MA).

“É... assim, quando eu olho pra uma palmeira, eu vejo uma mulher, uma mãe, uma filha, né, também. Que é o que hoje a gente vê. Por que? Uma mãe porque ela brota seus filhos pra criar os seus outros filhos que tem. Então assim, a palmeira, ela tem um ciclo de vida que nem nós, mulheres” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

[E quando você olha pra uma palmeira do babaçu, o que você pensa primeiro?] “O respeito, da gente preservar essa mulher, essa palmeira, essa natureza, que não serve só pra gente, serve pros animais. Então assim, tem a cotia, tem a paca, tem os ratos. Muitos deles, que no mato que eles também sobrevivem dela, porque eles roem a massa, eles comem a massa do coco. E aí, então, assim ele não serve só pra nós seres humanos, ele serve também pros animais e por que não preservar? Então, ser uma mulher que a gente precisa cada dia abrir os olhos e entender que essa palmeira, ela tem que ser preservada” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Cuida. Cuida sim. Ela cuida e eu acho que às vezes ela cuida mais da gente do que a gente cuida dela. Quando eu vejo que ela é a sombra, que ela é a casa, que ela é a cerca, que ela é a esteira. Que muitas das vezes... o adubo, ela é o carvão que cozinha o nosso alimento, ela é a amêndoa que traz o sustento



pra nossa mesa. Então assim, ela cuida da gente o tempo inteiro. O tempo inteiro. Toda vida a palmeiras serviu pra tudo na nossa vida” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

[E quando você olha pra uma palmeira do babaçu, o que você pensa primeiro?] “Preservação, respeito, cuidado. Muitas vezes é muito difícil você associar a agricultura com o meio ambiente, porque aqui nós vivemos em uma produção muito tradicional, apesar da gente querer trabalhar isso em ajudar a agricultura orgânica, mas é um desafio também muito grande porque é uma cultura que vem dos nossos avós, antepassados, né, de produzir. Primeiro derruba, queima e planta. Aí no próximo ano já vai, desmata outra área. Então assim, e muitas vezes os babaçuais, eles são prejudicados. Apesar de ter essa lei de preservação dos babaçuais, mas não existe uma cultura muito forte e aí muitas vezes, os babaçuais são prejudicados” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial - PI).



Foto 12: Fileira de cima, esquerda para direita: Rosa, Francisca (Neném), Aléia, Marinalda, Elisabeth, Fancinete; Fila de baixo, esquerda para a direita: Adriana e Auzilene. Centro de Produção de Mesocarpo, Chapada da Sindá, São João do Arraial - PI (Janeiro, 2023).



“Com certeza a palmeira do babaçu cuida. Do nosso ar que a gente respira, ela nos dá condições de trabalho. Quem diria que todo município tivesse a beleza que tem nesses palmeirais. Muita gente... os visitantes principalmente quando chega no Festival Cultural dos Cocais, que acontece todo ano aqui em junho e julho, aí nesse período. Eles ficam encantado com a beleza do município. Toda a nossa estrutura do festival cultural. As casinhas de palha. Com detalhe do talo, o peixe, o bode, outras culinárias feita no azeite do coco babaçu, a pizza do coco... então assim, tudo muito ligado com ele. Então, São João do Arraial além de ter esse forte na agricultura familiar, ele tem esse lado forte do extrativismo do babaçu. Então assim, uma coisa fantástica” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial - PI).

“Eu penso que é uma árvore, uma planta assim de muito poder. Porque se você parar pra pensar são mais de 400 mil mulheres. Uma árvore que dá vida também, porque gera vida pra essas mulheres. E eu penso que é uma planta de poder, é uma árvore da vida.” (Carmen Lúcia Lima, Teresina - PI).

**“Eu acho que a palmeira do babaçu cuida de grande parte dos nordestinos, eu acho que cuida de todos.** Porque os sistemas são interligados e se tem um papel importante dentro de um sistema, que é um sistema de ecótono, que é interligado com outros e que tem... que vivem pessoas tão diferentes dentro desse sistema, indígenas, quilombolas, quebradeiras de coco, sertanejo, o ribeirinho. Então, eu acho que ela cuida de todos sim e de uma forma ampla.” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).



[E têm um lado difícil de cuidar da palmeira? ]“Tem! Difícil. Cuidar da Palmeira tá difícil, porque a gente faz reunião pra não derrubar a palmeira, não botar veneno. E aí eles vão pro de traz e derruba e a gente não pode fazer nada. E quando a mulher vai falar, já ta tudo derrubada, envenenada... Uma andorinha só não faz verão. A gente fala bora ali proteger a palmeira, a outra fala ‘ah eu não vou porque fulano vai ficar com raiva de mim’ (...) elas têm medo de agir. Não é pra ter medo. Você vê ameaçando as palmeiras você tem que chamar as companheiras e ir lá fazer frente.” (Maria de Fátima Aveline Pereira de Castro - Nega Fa, Lago do Junco - MA).

“Elas chamam de mãe palmeira, porque é sustento da vida delas, sustentou a avó, sustentou a mãe, tá sustentando ela e os filhos. Então, assim, o que eu mais aprendi com elas foi essa noção de coletivo que é muito maior do que o individual. (...) Hoje eu vejo que a palmeira babaçu, ela tem uma simbologia muito importante, muito própria, inclusive pela própria ecologia da palmeira. Palmeira ela é uma planta de floresta de sucessão secundária. Então, quando tem um desmatamento dessa região dos cocais, que é uma região de interseção Caatinga e Cerrado, a primeira que vem é a Palmeira Babaçu e aí ela vem dar suporte pra todas as outras, ou seja, ela ajuda o reflorestamento natural daquela área que foi desmatada, que foi degradada. Ela (...) dá esse suporte (...) Ela tem um papel fundamental e associada à palmeira tem a quebradeira de coco babaçu. Então por que não a quebradeira de coco babaçu ser a gestora daquele território?” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

[E quando você olha pra uma palmeira do babaçu, o que você pensa primeiro?] “Ah, eu penso, assim, que ela vai me ajudar muito. Eu pegar aquele coco, quebrar, eu tirar um azeite ou vender pra mim comprar um café, comprar um açúcar. Aí já eu



fico agradecida com aqueles coquinho que eu tô fazendo ali, quebrando e protegendo pra poder comprar minhas coisinhas” (Maria de Jesus Filomena da Silva Brito, Faveira - PI).

“A gente aprendeu a cuidar dela como ela cuida da gente, assim, tipo, ela tem o cuidado de todos os anos colocar aquele cacho pra nós ir lá catar o coco. E a gente tem aquele cuidado pra não machucar, pra não cortar, pra não derrubar” (Luzia da Silva Sousa, Faveira - PI).



Foto 13: Aléia, Rosa & Auzilene. Centro de Produção de Mesocarpio, Chapada da Sindá, São João do Arraial - PI (Janeiro, 2023).

“Elas têm uma simbologia, eu digo elas as mulheres quebradeiras de coco, de mãe palmeira. E pra nós que fomos criados através da extração do óleo de coco babaçu, da quebra do coco, a gente passa a ter esse mesmo sentimento de filho. Entendeu? Porque é resultado desse trabalho, desse potencial que facilitou a criação do nossos pais.” (Prefeita Vilma Limma, São João do Arraial - PI).



“O babaçu ele tem a palmeira, que é o caule, nós temos a amêndoa do babaçu, que é da amêndoa que extrai o óleo. Nós temos aqui também o mesocarpo que é extraído também do coco babaçu (...) isso tudo aqui gera economia que fortalece a nossa economia pra poder sustentar. Então, é assim, ela não nos prejudica em nada. Não, pelo contrário, nos fortalece. E nós temos esse papel de defender. Por isso que há uma luta pela questão do babaçu livre. A sobrevivência das pessoas” (Prefeita Vilma Limma, São João do Arraial - PI).

[E quando você olha pra uma palmeira do babaçu, o que você pensa primeiro?] “Eu penso que no futuro seja melhor. Porque a gente vê ela como uma mãe. Porque até o formato do coco é como se fosse um seio da mulher. E aí ela é como uma mãe, ela nasce, ela cresce como uma pindovazinha e vai subindo, igualmente quando a mulher tem um filho. Ele vai crescendo e a palmeira igualmente, coloca os fruto pra gente usar” (Valdirene Barras Conrado, Vila Esperança - PI).

“É, realmente é uma mãe. Ela cuida da gente, no sustento (...) Ela dá também pro meio ambiente (...) Ela é importante também pras outras vidas. Não só pelo sustento, mas pelo clima também” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).

“Ela (a palmeira) transmite esse amor de que ali tá o meu sustento, de que dali eu posso andar no mundo todo, mas eu sei que a minha raiz tá fincada ali na palmeira. (...) Porque realmente a palmeira é mãe. Acho que nenhuma mãe quer deixar seus filhos morrer de fome, e a palmeira faz isso. Ela não deixa não eles morrer de fome. A gente busca o alimento nela” (Klédia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).



“Ah, a palmeira é vida. Palmeira é vida, sustentação, muitas famílias tiram a base do sustento da palmeira. Então, a palmeira é tudo” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).

“Eu cuido até no modo de trabalhar, no modo de trabalhar com o coco, com a palmeira. Não... tirando só o básico mesmo e reaproveitando, não deixando, jogando no lixo e desperdiçando” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).

“Uma mãe (...) Com um monte de tetas, que são os cachos, que se encontra... já olhei pra uma palmeira hoje cedo, olhei e vi isso. É como fosse as tetas de uma mãe, pra alimentar um monte de gente que chega. (...) Ela cuida de quem convive com ela e preserva ela, em todos os aspectos. Do ponto de vista do microclima, do ponto de vista do alimento, do ponto de vista da renda, do ponto de vista de várias coisas” (Deputado Francisco das Chagas Limma, Teresina -PI).

“Tempos atrás, era muita palmeira que tinha. Você olhava pra aí, era o que a vista dava. Via as copinhas em cima. Hoje, a gente olha e já vê que tá bem pouco as palmeiras. Aí eu fico pensando, meu Deus, será que daqui há 20 anos ainda tem babaçu? Se a gente não arregaçar as mangas e não partir pra negociar com os fazendeiro, será que tem? Eu acho que não tem, porque se não começar a deixar agora pra daqui 20 anos não vai ter. (...) Eu pelo menos eu já tenho uma outra fonte de renda, porque eu já sou aposentada, mas tem muita gente aí que vive 100% com esse babaçu. Mulher que não tem marido, que não botam a roça, que não tem onde botar roça, vive 100% do babaçu Se acabar, aí só Deus, porque aí eu não sei como que vai viver” (Sebastiana Ferreira Costa Silva - Dona Moça, Ludovico - MA).





Foto 14: Artesão Miguel, fazendo cesto da palha do babaçu. Ludovico, Lago do Junco - MA - MA (Março, 2023).

“(a palmeira) Cuida de você. E cuida muito bem. E muito bem. Cuidou desde quando era criança, até agora ainda cuida.” (Aldenir Gomes Damascena Souza, Lago do Junco - MA).

**“A minha mãe dizia assim, olha a Palmeira é a nossa mãe. Porque ela que dá o nosso sustento, ela que traz o nosso sustento”** (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).

“Eu, quando eu olho assim pra esse Palmeiras de babaçu, eu fico imaginando assim, a gente tem uma riqueza tão grande e as pessoas não valorizam. O tempo todo querendo derrubar. (...) E a Palmeira de babaçu, ela traz a economia, né? Traz economia para a família (...) Ela ajuda na questão da do ambiente, né? E tem um monte de outras coisas. Você pode utilizar de tudo. Se você não tem dinheiro para comprar uma Telha. Vai lá na



Palmeira e tira a palha, e você cobre sua casa e você vai viver de boa durante 4 anos” (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).



Foto 15: Da esquerda para a direita: Aldo Junior, Isabel Cristina, Adriana, Aurea, Maria Aláides, Ildete, Marildo, Ivonei, e a pequena Maria Iris; Família de Dona Maria Aláides que cuidou de mim, me acolheu e me recebeu em Ludovico, Lago do Junco - MA. (Março, 2023).

“Eu fico pensando que a Palmeira de coco babaçu é uma obra de Deus. (...) Olhando a Palmeira de babaçu, nós aprendemos entre nós que é uma mãe, porque essa mãe que criou minha mãe que me criou e a mãe que criou meus filhos. E aí ela dá essa impressão de mãe. E ao mesmo tempo que dá impressão de mãe, quando a gente escuta (sobre) as mudanças climáticas que existe, pensa que ela também está contribuindo para que essas pessoas possam ter de volta esse oxigênio saudável que a natureza precisa. (...) E ela cuida da gente quando cobre a casa, quando faz o abano, quando faz a esteira, até quando as pessoas cortam que elas apodreçam, ela cuida da gente dando o estreme, ela cuida, dando azeite, dando sabão. É uma fonte de renda, assim bem natural, mesmo que às vezes a gente nem valoriza o



quanto que tem valor, mas ela cuida, sim, do meu ponto de vista. Antigamente também a gente passava a chuva no inverno debaixo dela, quando estava no mato, quebrando.” (Maria Alaídes Alves de Sousa, Lago do Junco - MA).

“Eu vou pra guerra em qualquer lugar, pra defender as palmeiras pra não derrubar! Eu penso assim que eu não quero que derrube ela né porque ela foi quem criou nós. Ela é a nossa mãe que ajudou a criar nos e a nossa família” (Maria de Fátima Aveline Pereira de Castro - Nega Fa, Lago do Junco - MA)

“Nega fa, e **o cuidado ele é recíproco né? Tanto da gente com a palmeira como da palmeira com a gente.** A gente tem que cuidar dela, pra ela continuar dando fruto pra nós pra gente ficar bem também. Esse cuidado ele é recíproco.” (Ildete Sousa, Ludovico - MA).

“Palmeira de babaçu é a nossa mãe (...) então, quando eu olho assim a palmeira de babaçu eu penso nós temos uma felicidade muito grande... Porque normalmente ela (a palmeira) dava tudo pra gente, naquela época era tudo. Você ia quebrar o coco, tirava carvão, tirava azeite (...) As casas antigamente eram todas cobertas com essa palha. Os quintais, tudo era feito de talo. Então assim, palmeira é uma mãe porque ela servia de tudo” (João Valdecir Viana da Silva, Lago do Junco - MA).

“Nós não vamos derrubar a Palmeira, porque tudo depende de cuidado e a gente acha ruim quando vem pessoas que não tem amor pela natureza, que chega derrubando” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).

“A minha mãe já dizia que uma palmeira de babaçu, ela era mais do que uma mãe. (...) Eu já defendi muito a palmeira



e continuo defendendo e eu acho que enquanto vida eu tiver, mesmo eu não quebrando, porque a minha idade tá se avançando e tenho problemas de saúde. Eu vou ser quebradeira de coco, eu uso derivado do babaçu, a minha comida na minha casa é cozinhada com carvão do babaçu. É uma paixão que eu não abandono de comer aquela comida toda cozinhada com carvão do coco babaçu, e, assim, são muitas coisas que eu não vou largar do babaçu. Porque uma coisa que eu me criei... o azeite, ali, aquela comida todinha é com azeite de babaçu. Então é assim, eu pra mim, o babaçu é vida, pra mim é vida” (Maria de Jesus Alves de Macedo (Dijé), Santana - MA).

[Tem muita gente que fala que a palmeira é como uma mãe, o quê que você acha disso?] “Porque ela bota os filho dela lá, aí os coquinho cai, aí nós vamo, pega, quebra, e aí vender. Nós tira o azeite, vende o azeite pra comprar o alimento pro nosso dia a dia. Aí é assim, ela produz o filho dela para poder sustentar os nossos filhos. E aí a gente bota o barco pra frente” (Maria do Carmo Menezes de Oliveira, Vila Esperança - PI).

“Antes eu via e identificava as Palmeiras como um recurso natural, no qual eu não iria ter a noção dos diversos usos que é possível ter desse recurso, não é? Então, depois que eu conheci as quebradeiras. Identificar nesses recursos que elas percebem na Palmeira, primeiro uma relação delas que elas humanizam, essas Palmeiras. Tem algumas Palmeiras que tem nomes de pessoas, um que determinada quebradeira identificou como tendo um coco muito bom e de repente já começa, vamos lá na Palmeira da Antonia, vamos lá na Palmeira da Maria. E aí isso já começa a mudar minha percepção. Ou quando eu fui a primeira vez no babaçu ao acompanhar uma quebradeira de coco, ela chegou a falar coisas do tipo, há está escutando? A Palmeira está parindo.” (Anny da Silva Linhares, São Luis - MA).



“Por causa dessa questão da Palmeira do babaçu, aí você faz o leite. Se você não quer fazer que você faz um leite para temperar a comida, você faz o azeite para você temperar, comercializar. Você tem a casca para fazer o carvão, você tem as palha para cobrir a casa. Vocês têm aquela capenga, que ficam velha para botar adubo no canteiro. Então por isso a gente chama de mãe, porque ela nos favorece muitas coisas que nós não vamos comprar.” (Cledeneuza Maria Bezerra Oliveira, Marabá - PA).



## MIQCB: um exemplo excepcional de movimento socioambiental



Foto 16: Ana mostrando como descascar o babaçu para tirar o mesocarpo. Olho d'Água Cercado, Luzilândia - PI (Janeiro, 2023)

“A gente começou o movimento e a gente viu que o movimento tinha aquela história, aquela forma de melhorar a vida das quebradeiras. [...] que a gente já sabia quebrar o coco mas a gente tinha que aprender os nossos direitos e os nossos deveres também, como mulher quebradeira de coco. E o MIQCB chegou com essas propostas para nós, deu essa fala das coordenadas para a gente que o movimento era o movimento de quebradeira de coco. Ali, aquele movimento ia dar empoderamento



às quebradeiras, tanto na quebra do coco como também nos seus direitos e deveres, (...) conquistando nossos espaços na política pública, no meio social” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).

**“Nós não sabemos ler bem. Mas, assim, na escola da vida foi que a gente aprendeu isso, e a nossa escola da vida foi o MIQCB. É o MIQCB que leva a gente para as atividades e quando a gente chega lá, a gente vai falar do babaçu, vai falar da vida, da comunidade, dos territórios. E daí a gente vai aprendendo a falar de tudo. Chega um ponto, assim, que você não segura mais, você não me segura mais, você não segura mais a dona Chica Lera, entendeu? E aí, a gente vai... isso a gente vai passando de geração para geração”** (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).



*Foto 17: Dona Chica Lera e Adriana, chocolate de agradecimento pelos aprendizados e conhecimento compartilhado, Fortaleza 4, Esperantina - PI (Janeiro, 2023).*

“A mulher, ela aprende a ser independente, ela aprende a não ser mandada pelo marido, ela aprende ser uma mulher empoderada” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).



“MIQCB sempre trouxe cursos pras mulheres sobre gênero, eu participei, mas já tem mais ou menos 15 anos, aí depois veio outros cursos de como trabalhar na manipulação de alimento. A gente teve dois cursos nas comunidades, onde existia o grupo de produção, pra gente ter um azeite de qualidade, pra gente ter uma massa de qualidade” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“Depois que a gente começou se organizar junto com essas coordenadoras do movimento que somos nós, quebradeiras, a gente teve uma experiência mais *formatizada* (de formação) de como aproveitar o babaçu. A gente teve intercâmbio com outras quebradeiras, quebradeiras do Maranhão, quebradeiras do Tocantins. Eu mesma passei uma semana em Tocantins vendo todos os grupos de produção, trazendo pra si a experiência e quando chega no nosso território, quando chegava, a gente ia repassar pras outras companheiras que não foram e assim vamos caminhar juntos” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“O MIQCB também ajuda a cuidar do meio ambiente também, não deixar fazer... queimar as palmeiras que isso aí, o movimento junto com a gente, a gente debate sobre isso. Preservar o meio ambiente, aonde a gente vive, pra gente ter uma vida mais saudável, que a gente possa mostrar pras nossas netas, bisnetas como é que esse território foi cuidado, né, adquirido pelas quebradeiras de coco, ne. E é isso. Nós não orienta só dentro do nosso território, aonde existe babaçuais, a gente tem o cuidado de tá junto com aquela comunidade explicando aquilo que a gente tem, que nós tem que cuidar dos nossos babaçuais, da nossa terra, do nosso meio ambiente, não deixar desmatar, nem queimar” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).





Foto 18: Ato em Codó no dia Dia Internacional das Lutas das Mulheres, dia 8 de Março. Ao centro da foto Dona Maria Aláides. Codó - MA (Março, 2023)

“É, aprendi aquilo que ser quebrador ou quebradeira de coco é um direito adquirido pela gente. É um direito é um direito que as pessoas antigamente não tinha. Porque os proprietários é quem governava e a gente tinha que fazer o que ele mandasse e através do MIQCB, a gente foi mais orientado como a gente vive e como é para viver, na luta. Buscando seus direitos” (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).

**“Eu sempre digo que o movimento ele não é feito só pela coordenação, ele é feito por todas as quebradeiras que estão lá na base lutando.** Mas quando você tá lá, às vezes você não tem as oportunidades que você tem quando você está aqui, né. Quando você tá mais próximo, que é o momento que você vai dialogar, que você vai discutir, que você vai tratar as políticas, que você conhece as políticas públicas. Então pra mim foi uma oportunidade de crescimento, de conhecimento, de eu entender principalmente essa questão da identidade, né. Da



identidade com o movimento, da identidade de ser quebradeira, de me entender. E também dos espaços que também eu tive a oportunidade de ter.” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).



Foto 19: Cartazes do ato em Codó no Dia Internacional das Lutas das Mulheres, dia 8 de Março. Se lê nos cartazes: Menos feminicídio, Menos Racismo, + Amor. Floresta de Babaçu em Pé!. DAP/CAF para as Mulheres. Sem Feminismo não há Agroecologia. Quebradeiras de coco - As Guardiãs da Floresta. Lugar de Mulher é Onde ela quiser. Codó - MA (Março, 2023).

“Então, o objetivo do MIQCB é esse, é cuidar do território. Por isso que existe lá uma coordenação, apenas pra ir direcionando ali as coisas. E nós, que estamos na comunidade, estamos lá na nossa função da quebra do coco, mas nós hoje não somos mais só quebradeira. Nós hoje já temos uma opinião formada do que é um ser uma quebradeira de coco. Que nós temos que ter o conhecimento para nós ir buscar os nossos direitos e assim que tem se conseguido há muitos anos. Quando a gente consegue uma luta a gente nunca consegue só aquela luta ali, já tem outra mais na frente. Assim, os direitos, a gente diz que a gente tem direito, mas se nós não luta por aqueles direitos, o direito não vem” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina - PI).



“Eu acho que uma das principais bandeiras do movimento é a questão da Lei Babaçu Livre, que graças a Deus nós conseguimos implantar assim, depois de muita luta (...) E o MIQCB, ele tem um papel fundamental na organização das mulheres, na organização da produção, na questão do tratar das políticas públicas, na proteção das mulheres, no acesso às mulheres ao mercado através de sua Independência financeira, pra que elas possam ter uma outra visão sobre o feminismo nos seus espaços. Então, movimento é essencial” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“O movimento do MIQCB já tem ajudado muitas comunidades, já a se desenvolver na quebra do coco. (...) Aí como eu lhe disse que depois que começou o movimento do MIQCB, melhorou muito na venda do azeite e no preço do quilo do babaçu. Porque ele não tinha muito preço. Aí melhorou muito, mas as quebradeiras querem que melhore mais, né” (Francisca Lima Rodrigues, Olho d’Água Cercado - PI).

[O que você diria que aprendeu participando do movimento?] “O primeiro exemplo que eu tenho para dar é repassar, o que eu já aprendi para as demais, que é muito bom, tá à frente que a gente aprende. Pra também orientar as que precisam, né. E o segundo exemplo que eu tenho, é que eu quero viver mais muitos anos pra mim continuar sendo uma quebradeira que tem saúde pra poder juntar, pra poder quebrar, poder acompanhar” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).

“O movimento das quebradeiras é um movimento muito grande, né. Que é um movimento 100% mulher. E cada uma quebradeira, se orgulha. (...) Que a gente pegou esse projeto mesmo, foi de coração e braços aberto, e a gente comprou os produtos das quebradeiras pra fazer cesta e as própria quebra-



deira que vendia o produto, elas também era beneficiada (...) E sem falar de outros projetos do MIQCB. Porque o MIQCB é uma associação, ele é interestadual e a gente atende todas as mulheres. A quebradeira, às vezes ajuda também uma companheira que está passando por uma ameaça, né, ou de dificuldade, problema de saúde. A gente também está junto” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).

“No estado do Piauí por exemplo, as taxas de feminicídio são altíssimas, de violência contra as mulheres. Mas aí de repente você tem um movimento que é forte, de mulheres. Eu não tô dizendo que não tenha contradições, não tô dizendo que é perfeito. Mas de qualquer forma é um movimento de mulheres que se impõe, assim, que negocia. Mesmo em condições profundamente adversas, mas elas têm uma capacidade de negociar. E o que dá sentido a isso é a palmeira, porque elas dizem claramente que onde tem palmeira, tem quebradeira de coco babaçu. E onde tem quebradeira de coco babaçu, tem palmeira” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

[O que você diria que você já aprendeu com o movimento?] “Minha filha, eu aprendi já um bocado de coisinha. Porque eu sabia quebrar o coco, mas a tirar pra tirar a massa dele, o mesocarpo, eu não sabia, né, aquele dali ia tudo fora pros porco comer, né. Aí, depois que a gente entrou no MIQCB aí já começou trazer essas coisas do projeto para nós e a gente começou a praticar. E aí, a gente começou a usar o carvão também, que a gente não usava, né. A gente jogava tudo fora, aquela casca do coco, só colhia só a amêndoa, né. E o resto ia tudo fora, aí essa daí a gente aproveita tudo. Amêndoa, a casca, o mesocarpo, tudo a gente já aproveita, né” (Francisca Maria Silva Alves (Bei), Olho d’Água Cerrado - PI).



“[o MIQCB] É uma escola. Você viu que (...) uma quebradeira de coco, ela estuda dentro do babaçual. Você viu que a gente sabe, eu mostrei ali a palmeira, né, quando ela pari o cacho de coco. Eu nunca estudei aquilo numa escola, né, mas [no MIQCB] a gente estuda, a gente aprende.” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

“Ah, no MIQCB, a gente aprende muita coisa, é bom. Que a gente aprende algumas coisas que a gente não sabe em casa, né.? A gente estando nas reuniões, a gente aprende. Por acaso, tem aí um biscoito que elas faz, de massa de coco que é a massa que chama, como é o nome, Helena? Mesocarpo, né. O bolo. É um bolo que ela faz que é muito gostoso e tem um biscoito, que ela faz também. Que a gente... tudo isso a gente aprende, né. (...) [o MIQCB] É também um exemplo de meio de arranjar serviço pras mulher quebradeira de coco, né. Porque aí eles tão dando um exemplo pra mulher, pra elas, quebrar o coco delas, elas ter o dinheiro delas e botar a vida das pra frente, trabalhar, né. E ensinar os filhos também, né, ensinando os filhos também como é a vida que a gente vive hoje.” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“Mas, assim, na escola da vida foi que a gente aprendeu isso e a nossa escola da vida foi o MIQCB, é o MIQCB que leva a gente para as atividades e quando a gente chega lá, a gente vai falar do babaçu, vai falar da vida, da comunidade, dos territórios. E daí a gente vai aprendendo a falar de tudo” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

[E o quê que você diria do trabalho do MIQCB, que seria um exemplo de cuidado?] “É a luta, né, pelos territórios, territórios coletivos, né. Os trabalhos do MIQCB é muito nesse objetivo de coletividade, de conjunto, né, de estar juntas, porque



a gente junta, a gente se cuida, a gente conversa, sabe da vida uma da outra, de bem e de mal. Se você tá bem, eu vou saber, se você tá mal, eu vou saber. Então, eu tenho possibilidade de lhe dar um exemplo bom, de lhe dar um exemplo ruim e de cuidar de você ou de não cuidar, né. Eu tenho essa possibilidade” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

[O que você diria que você já aprendeu com o movimento?] “Então, o feminismo que é veiculado muito na mídia é aquele feminismo mais patriarcado e tal, que é muito mais puxado pro feminismo branco mesmo, europeu e que aqui o contexto é outro e que elas espelham muito esse contexto, da América Latina, das desigualdades sociais, da busca por reconhecimento, por uma melhor distribuição de renda, uma maior participação, uma maior representatividade. Então, acho que foi isso que eu aprendi mais com elas mesmo” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

“Com o movimento eu aprendi que o lugar de mulher não era só cuidar do marido, dos filhos e da cozinha não. Ela tinha que participar de outras coisas, isso que eu digo. A minha família não é o que tão aqui junto comigo. A minha família tá lá fora. Ela tá lá fora. Aqui a família aqui, mas a minha maior família que eu tenho é as que tão fora, minhas companheiras, meus companheiros, que tão lá, que eles precisa da ajuda e do apoio da gente. Então por isso que a coisa é bem vinda” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).





Foto 20: Da esquerda para direita: Maria de Jesus, Maria de Fátima, Helena, Klésia, Jucelino, Marinalda e Adriana. Despedida Adriana Sede MIQCB regional Piauí. (Fevereiro, 2023).

“Assim, acho que eu aprendi, assim, muito foi o conhecimento (...) Tipo assim andar nos lugares onde a gente nunca andou é... tipo ir pra São Luís, Belém do Pará, São Raimundo. Tipo assim, tudo foi através, do Tambor de Crioulo também, né. Que é uma cultura muito forte nesse período que a gente brincava. [Você diria que você aprendeu foi mais essa experiência de ter ido em vários encontros?] É, [com o MIQCB eu pude] conhecer as pessoas que não conhecia. Fazer amizade, que a gente não tinha amizade, tipo a Rosa. (...) E até mesmo aprender a valorizar o babaçu, né” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

“Eu faço parte do MIQCB... na verdade, desde quando a gente é quebradeira de coco se identifica como quebradeira de coco, a gente já é MIQCB, mas fazer parte mesmo do movimento eu comecei 2009, através dos SVS que é o Sistema de Vínculo Solidário que a gente faz com as crianças nas comunidade que o MIQCB atua. E aí, desde desse período que



eu venho participando, duas etapas por ano de fazer coleta de mensagem, né, atividade lúdica. E aí eu fui me preparando pra entrar na coordenação e aí até que deu certo, né. (...) E, assim, a coordenação do MIQCB sempre tá mais de frente pra participar das reuniões, das atividades, tá indo no escritório. Pra buscar políticas, né, pras quebradeiras de coco, pras outras quebradeiras que fica na base. Pra poder tá ajudando todas com projetos. Tem o PAA, que é o Programa de Aquisição de Alimento, que hoje é o PAS chamado Programa de Alimentação Saudável tem a PGPMBio [Política de Garantia de Preços Mínimos para os Produtos da Sociobiodiversidade], tem o PNAE [Programa Nacional de Alimentação Escolar] e também tem as feiras, que a gente sempre tenta inserir as quebradeiras de coco pra elas estarem vendendo seus produto pra não ficar dependendo só do Bolsa Família e nem só dos programas do governo. Aprender se virar sozinha, fazer seus produto e aprender buscar mercado também. Que, assim, é o empoderamento que a gente tenta buscar pras quebradeiras de coco, pra elas se sentir mais livre, né, em questão de venda, de tudo” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

“[com o MIQCB] A mulher, ela aprende a ser independente, ela aprende a não ser mandada pelo marido, ela aprende ser uma mulher empoderada, né. E tudo isso é através do movimento das quebradeiras de coco que a gente consegue aprender isso” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

“[com o MIQCB] Aprendi a ter mais amor pelas pessoas, porque o MIQCB ensina muito isso pra gente, né? Ensina o respeito, porque isso é que eles fazem, que elas fazem muito. É respeitar a gente, né? Sabe conversar com a gente, sabe explicar. E já trouxeram vários capacitação para a gente aqui também” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).



“O que eu mais aprendi na minha vida foi ter minha própria autonomia, um enquanto mulher, de lutar, de não ter medo, de ir para cima, de conquistar, de bater de frente com que buscar as políticas públicas pras mulheres, lutar pela defesa das mulheres, bater de frente com a violência doméstica. Então assim, tudo isso eu aprendi foi dentro do movimento, e por que que eu digo que foi dentro do movimento? Porque foi através do movimento que eu viajei, que eu digo assim, eu me capacitei lá fora. Participando de conselhos nacionais, conselhos estaduais, coordenadoria de políticas públicas voltada pra as mulheres (...) O empoderamento ele é muito fundamental na vida de uma mulher. Porque quando você reconhece o seu direito, que você não sabe, mas se você busca, que você passa a entender que é um direito seu, você não aceita mais ninguém lhe pisar. Então isso pra mim são coisas que a gente aprendeu e que eu tenho orgulho de dizer que foi uma escola...” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“A minha relação com o MIQCB, ela vem de muito tempo, eu era jovem ainda, vamos dizer assim, eu sou jovem, né. Eu era criança, adolescente, tinha uns 15, 16 anos e a EFA Cocais nos aproximou dos movimentos sociais. E aí, dentro da escola nós tinha muitas pessoas ligada ao movimento, inclusive estudante que era filha de quebradeira, mas que estavam ligados ao movimento. E dentro do extrativismo lá que a gente estudava, tinha uma disciplina, que eu não lembro muito bem, a gente foi conhecer algumas experiências dos movimentos das quebradeiras de coco. (...) assim, e me chama muita atenção (...) esse lado forte, feminino. É uma força que só elas têm, vamos se dizer assim. Que ninguém tem. E eu consigo enxergar isso nelas. Essa força, essa união, essa garra. Nós temos que fazer hoje, agora, vai dar certo se se organizar, vai dar certo. Então assim, é uma



coisa fantástica” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial - PI).

[como é a sua relação com o movimento?] “se criou uma relação de amizade, de parceria, de pesquisa e elas apresentam muitas demandas pra gente. Que é exatamente nessa relação com o poder público, em busca de recurso, essa coisa toda, elas sempre pedem ajuda. Então, até mesmo quando vão fazer as vezes documento, elas pedem pra ajudar na redação. Por exemplo, a Lei do Babaçu Livre elas pediram pra gente ajudar. Eu fiz a fundamentação antropológica da lei.” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

“[aprendi com o MIQCB sobre] a força do feminino. Eu acho que é uma coisa muito interessante fazer a intersecção com o gênero. Porque antes de ser comunidade tradicional, são mulheres. Então são histórias de mulheres, que se cruzam com a história de um movimento social. Assim como elas superaram vários obstáculos, e a força que elas têm, como elas lidam com conflitos...” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

[Sobre o projeto organizado pelo MIQCB que ela participa] “É que a gente faz entrega das coisas, nós tira o azeite, da roça nós pega a macaxeira, nós pega abóbora, eu pego uma cebola, o tomate, o coentro. Aí nós fazemos aquela venda toda, pra entregar pro MIQCB” (Maria de Jesus Filomena da Silva Brito, Faveira - PI).

“[com o MIQCB] A gente aprende também a se defender, Adriana, a gente aprender muita coisa com elas [as lideranças do movimento]. Elas passam, assim, uma experiência pra gente se defender de tudo o que a gente pode estar sofrendo, tipo assim, agressão. (...) E o MIQCB também pra gente é uma expressa



assim de mãe também que a gente aprendeu muito. Antes eu não conhecia o que era MIQCB, tem de 10 a 12 anos que eu já comecei com as meninas e a gente aprendeu muito a se defender e aprendeu a zelar mais das nossas famílias. **E o trabalho deles é muito importante pra nós quebradeira de coco. Sem o MIQCB nós não somos nada.**” (Luzia da Silva Sousa, Faveira - PI).



*Foto 21: Mesocarpo do babaçu durante a produção da farinha de mesocarpo. Centro de Produção de Mesocarpo, Chapada da Sindá, São João do Arraial - PI (Janeiro, 2023).*

“Aprendi [com o MIQCB] porque eles trouxeram muita oportunidade pra gente. A gente conheceu várias pessoas que a gente não tinha conhecimento. E eles ensinam a gente a valorizar nós quebradeira de coco, porque a gente não tinha valor, aí hoje a gente tem por ter vindo o MIQCB ter ensinado a gente, ter reconhecido nós como quebradeira aqui e ter montado esse grupo e hoje continua. (...) Um exemplo que elas ensinaram a gente valorizar a gente e o babaçu. Porque no tempo que eles trouxeram esse projeto pra cá [unidade de produção do me-



socarpo], a gente não sabia nem o que fazer com o floco do babaçu e eles ensinaram que a gente podia fazer o mesocarpo, fazer bolo, fazer o biscoito, fazer o mingau. E aí eles ensinaram a gente a ver isso e a gente usar. Até hoje a gente tá usando” (Valdirene Barras Conrado, Vila Esperança - PI).

“Mas o papel do movimento, ele tem levado muito essa discussão, esse debate pras comunidades. Da importância da preservação ambiental. Em relação a não ter derrubadas de palmeira, tem muito essa defesa do babaçu livre, mas é muito mais pra potencializar a economia mesmo. Quando nós aqui em São João começamos a adquirir o mesocarpo pra alimentação escolar, uma das coisas era essa, era a gente poder fortalecer o movimento economicamente apoiando esse trabalho de resultado. E também demonstrou esse sentimento, de quanto melhor preservar a história do babaçual, melhor renda vai gerar renda pra essas mulheres” (Prefeita Vilma Limma, São João do Arraial - PI).

“Quando vamos pra reunião, elas [as lideranças do movimento] ensinam muita gente sobre a palmeira. Pra nós não botar fogo no mato (...) Porque se nós botar fogo no mato aí as palmeira morre tudinho aí nós fica sem o coco.” (Teresa Filomena da Silva, Faveira - PI).

“[com o MIQCB] Eu aprendi muita coisa, principalmente a lidar com o povo (...) Meio de falar, conversar, sabe? Porque é... como é que eu gosto de dizer, eu era mais tímida. Aí diante ao MIQCB, até na minha própria comunidade, tem um grupo, você conhece? Aí nisso meio que, a gente ia pra reunião e tudo. E aí meio que ainda sou um pouco tímida, mas dá pra perceber que eu já estou melhorando nisso” (Maria Alana Oliveira, Fortaleza - PI).



“[o MIQCB] Não cuida somente da palmeira, como cuida das pessoas da comunidade, com projeto” (Maria Alana Ribeiro Oliveira, Fortaleza - PI).

“E eu sou muito fã das meninas do movimento, da seriedade, da forma de trabalho, da valorização. Porque geralmente quem quebra o coco mesmo mais são mulheres, mulheres quebradeiras de coco. E o movimento ele tem fortalecido esse trabalho, empoderado as mulheres e isso pra mim é fantástico. Eu sou muito admiradora das mulheres que conseguem sustentar a família e criar os filhos mesmo através da quebra do coco babaçu. Então, tenho uma relação muito boa e o apoio sempre o movimento. (...) eu acho bonito mesmo é a forma, a defesa da mulher no trabalho, porque uma mulher quebradeira de coco, ela tem uma vida muito sofrida, ela geralmente tem muito mais problema de saúde, na questão porque ela fica muito tempo sentada e a gente tem problema de coluna, muito problema ginecológico. Então, assim, eu sou muito defensora das mulheres” (Prefeita Vilma Limma, São João do Arraial - PI).

“Em 2012, me chamaram pra uma capacitação do serviço de vínculo (SVS), eu fiz parte da capacitação e a partir daí, eu comecei a ter mais entrosamento dentro do MIQCB (...) Não sabia, pela sigla eu não sabia o que era, sabia que era um movimento que cuidava das quebradeiras de coco. Mas eu não sabia o potencial que o MIQCB era (...) E aí, quando eu entrei com serviço de vínculo solidário como mãe de vinculada e como educadora, eu pude conhecer um pouco mais do MIQCB” (Kléssia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

“Por exemplo, a situação vivenciada no assentamento Fortaleza - PI de derrubada da palmeira. E aí de repente quando a comunidade aciona o MIQCB, o MIQCB passa a agir na defesa,



mesmo que não tenha conseguido barrar ainda. Mas assim elas têm uma rede de comunicação que evidencia certos cuidados. Se você olhar a história do MIQCB ali naquela região é permeado de conflitos e nesses conflitos a gente percebe assim que eles foram encarados como luta coletiva.” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

“O MIQCB me ensinou muita coisa. Muita. Acho que o MIQCB é mais que uma instituição, ele é quase que nem a palmeira, ela é como uma mãe, pai. Pra gente, ensina muita coisa (...) O MIQCB me mostrou o mundo. Já fui viagem fora do estado do Piauí. Fora, além de São Luís. Eu já conheci Bahia através do MIQCB (...) O MIQCB me deu muito ensinamento de evoluir, acho que não só pra preservação do meio ambiente, o pensamento de evoluir não só o meu pensamento, mas pra mim transmitir o que eu aprendi pras pessoas, pras quebradeiras de coco que tão lá na base. (...) **Eu acho que uma das coisas que nós da coordenação do MIQCB tem que fazer, é mostrar a lei, fazer capacitação, fazer palestra e mostrar pra toda a população, não só pras quebradeiras de coco que tem uma lei que defende as palmeiras, acho que esse é o primeiro passo a fazer, depois da aprovação da lei sancionada, porque já foi sancionada**” (Klésia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

“Quando saí da universidade, eu comecei fazer assessoria aos movimentos sociais. E dentre eles, eu conheci o MIQCB. Eu participei da reunião que criou, que fundou o MIQCB, aqui ao lado, no centro convenções, entendeu? Foi um encontro que teve aqui, acho em 24 setembro. (...) Quando eu comecei, eu fui convidado pelo MIQCB, e alguns movimentos pra fazer assessoria para o movimento (...) Eu estava em São Luís, numa conexão, preparando uma apresentação para o MIQCB, lá em Imperatriz,



Maranhão. Era o encontro das quebradeiras de coco. E ali eu levantei uma hipótese de que a gente precisava trabalhar mais a parte econômica, produtiva, porque essa coisa da preservação, na visão antropológica, era importante, mas que tinha que também dar o foco na economia. E ali eu comecei discutir também na visão ambiental, de preservação do meio ambiente, de que o Piauí tem cerca de 20% do estado, que é onde tem a maior concentração dos babaçuais, que era uma área que ela passava pela preservação das palmeiras, não só do babaçu, mas aí você tinha o babaçu, o tucum, a carnaúba, os buritis e tal.” (Deputado Francisco das Chagas Limma, Teresina - PI).

“Mas as experiências que eu tenho, como é legal trabalhar com mulher, é como conhecer realidade diferente da gente nas nossas companheiras. Conhecer realidade que eu falo, realidade de vida, de trabalho, de pessoas mesmo, assim, é fantástico a gente viver, assim, junto com elas e conhecer (...) Vê todas quebradeira de coco falando a mesma língua da gente. Não tem preço. Cada uma querendo descobrir mais (...) Depois que a gente começou a ir pro movimento, aí a gente começou a descobrir também que nós não somos mulher só pra casa, só pra viver dentro de casa, só para cuidar do filho, só para cuidar de marido. Nós tem outras diversidades pra gente alcançar na nossa vida como mulher” (Sebastiana Ferreira Costa Silva - Dona Moça, Ludovico - MA).

“O Encontro que fui foi no Pará, em 2018. Minha irmã, é um sofrimento (...) Muito sofrimento. Porque eles lá, eles derrubam [as palmeiras] é de correntão, derruba tudo, tudo. Quem é quebradeira de coco lá, não pode dizer que vive só de coco, não, porque é muito dispendioso, minha filha (...) E o MIQCB cuida assim muito mesmo. Tá lá lutando devagarzinho. Mas tá lá as coordenadoras, se batendo pra tirar azeite, pra fazer o sabão,



pra tirar o mesocarpo. Pra mim elas estão cuidando sim, do pouco que tem, do pouco que cabe a elas, elas estão cuidando” (Sebastiana Ferreira Costa Silva - Dona Moça, Ludovico - MA).

“Olha, me chamou muito atenção [o trabalho do MIQCB] naquela reunião que nós tivemos a questão dos vínculos solidários, né? (...) Que é atividade em que tem o apadrinhamento de crianças, né? E os regionais precisam desenvolver algumas atividades com essas crianças e que ao desenvolver as atividades surgem diversas situações. A que envolve a vida dessas crianças direta ou indiretamente. Seja uma situação de violência doméstica, seja uma situação de conflito” (Anny da Silva Linhares, São Luis - MA).

“[com o MIQCB aprendi a] Saber se dirigir, saber trabalhar com as pessoas, né? Isso é um aprendizado do movimento. E da economia de saber valorizar os produtos, que é produzido no movimento, né? As quebradeiras, que às vezes quando a gente não está fazendo parte, a gente não valoriza tanto. Mas quando a gente valoriza, aí a gente sabe o quanto é importante pra gente, né? Sem dizer que a vida também melhora, né? Porque a coordenadora, ela também recebe um benefício assim que ela não tinha. Quando ela sai de casa, ela volta pra casa dela, ela tem algo para contribuir na família. (...) E a gente levando esse trabalho hoje, você é sinônimo de resistência. Você resiste às dificuldades você faz com que as pessoas compreendam que você também contribui para a sociedade” (Cledeneuza Maria Bezzerá Oliveira, Marabá - PA).

“Agora, um dos principais aprendizados no movimento, foi avançar no diálogo com o poder público. Eu era muito tímida, mas eu avancei com bastante cuidado porque em torno do movimento do MIQCB existe outros movimentos que são parcei-



ros que têm a mesma finalidade. Do bem-estar com consigo e a natureza, e também do respeito com as comunidades tradicionais que não quer dialogar com o governo e o movimento me ensinou isso. Para a gente poder avançar. (...) Agora quando se trata de outro aprendizado que eu tive lá no MIQCB foi entender de que nós estamos um pouco remando contra a maré (...) Porque todos os eventos que acontecem, as mulheres estão lá dizendo [o que precisam]... Eu no dia é da mulher ou no dia da quebradeira a gente vai ocupando as ruas para dizer para os sistemas de exclusão social que nós precisamos resistir (...) Eu escuto às vezes as mulher dizer assim 'que nós precisamos resistir com Terra para trabalhar, mas precisamos de Terra' ou 'Nós não queremos ter terra, nós queremos só o babaçu livre.' (...) E aí isso me ensinou que existe filosofias diferentes [dentro do MIQCB] (...) Aprendi que as formas da gente resistir são diferentes [mas o MIQCB resiste com todas]." (Maria Alaídes Alves de Sousa, Lago do Junco - MA).



## O que a palmeira diria?

“Eu acho que a primeira coisa que a palmeira ia falar pra esses políticos, tanto aqui do nosso país, nosso estado, nosso município. Que eles valorizassem muito mais o fruto que ela dá pra sustentar a nação e as quebradeiras. (...) [A palmeira] diria isso: ‘deixe eu levar (continuar) o meu fruto pras quebradeiras sobreviver, vamos valorizar mais a nossa produção que sai da palmeira’” (Rosa Mendes da Silva Rodrigues, Vila Esperança - PI).



Foto 22: Palmeiral Vila Esperança, Esperantina - PI. (Fevereiro, 2023).



“Ela pediria que os políticos deixassem elas mais livres, que elas não fossem dominada por os grandes [poderosos]. Que elas fossem livre pra ser pra população mais pobre. Achava que se elas falassem, diria ‘político, deixa que eu vivo para os pobres. Vocês já têm o necessário. Eu sou livre, eu quero ser livre.’” (Raimundo Gomes Rodrigues, Vila Esperança - PI).

“Eu acho que se ela [a Palmeira] pudesse falar, ela ia dizer pra eles [políticos], ‘não judeia tanto comigo, porque eu sou viva e sou vida.’ Eu acho que ela diria isso pra eles. ‘Me deixa em pé porque eu tenho utilidade’” (Sebastiana Ferreira Costa Silva, Lago do Junco - MA).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Ela diria que, realmente, valorizasse as quebradeiras de coco, que dessem mais... esse valor, né. Porque a quebradeira de coco, ela trabalha no dia a dia, mas ela luta muito para conseguir aquele serviço (...) porque ele é muito complicado, trabalhoso da gente ir atrás, chegar, quebrar. E tem muita dificuldade (...) O azeite, o quilo da massa, e tem o quilo da amêndoa, né, que a gente vende a amêndoa, vende o azeite e quem produz a massa, vende a massa do babaçu. E aí, que melhorasse mais, né, sobre os preços. Porque incentivaria mais e seria bom pras quebradeiras, o movimento do MIQCB, que corre muito atrás, sobre a luta da quebradeira de coco” (Francisca Lima Rodrigues, Olho d’Água Cercado - PI).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “A primeira coisa que ela ia pedir era que eles olhassem com bons olhos as quebradeiras, ne? E que tivesse aceitação [das quebradeiras]” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).



[O que a palmeira diria para MIQCB?] “Ela agradecia muito o MIQCB, porque só em falar que é o movimento das quebra-deiras de coco babaçu, que a gente briga com o próprio marido de casa pra que ele não vá cortar, né, às vezes gente não quer nem ver tirar a palha pra cobrir a casa (...) Mas se ela pudesse falar, ela ia agradecer muito o MIQCB, por defender as mães e as filhas, né?!” (Maria de Fátima Ferreira, Olho d’Água Cercado - PI).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Eu achava que ela queria pedir algumas coisa boa pra ela poder trabalhar, né. Porque eu acho que todo mundo deseja pedir coisa boa pra poder trabalhar, né. Pra poder começar a vida?” (Francisca Maria Silva Alves (Bei), Olho d’Água Cerrado - PI).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Pra ela viver sem ser devorada, né. Porque tem um monte de devoração de palmeiras” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“Ela... sabe o que é que ela ia pedir? Pra eles deixarem elas em pé. Deixar elas viverem. Porque eles já tavam vivendo, e elas queriam viver, e elas queriam dar, elas querem dar ainda mais vida para mais outras pessoas” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Ela pediria, assim, não me cerquem. Porque eu tô aqui não é por você. É por Deus. Porque Deus quem colocou a palmeira e Deus colocou livre. Ele não colocou ela cercada. Ele não colocou ela pra ser governada por ninguém. Ele colocou ela livre. Pra quê? Pra nós que depende dela ter o acesso, porque foi pra isso que Deus colocou a palmeira. Porque ele já tinha um objetivo na frente que ia ter alguém que ia se beneficiar dela. Então pra quê



essa palmeira cercada? Pra quê terra cercada? Se terra foi Deus que criou” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Eu acho que ela falaria pra que não cortassem ela, pra que não colocassem veneno, pra que não desmatassem as palmeiras. Porque assim como a gente sente que dói quando a gente se corta, quando a gente se machuca e que quando a gente é cortado ou machucada se prejudica e prejudica alguém, com certeza as palmeiras também iria dizer a mesma coisa. Elas iriam dizer que elas é quem são a fonte de sobrevivência pra quem não tem condição, que sobrevive do produto que ela dá, né” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Vida. Eu acho que a palmeira, ela diria assim, eu quero me manter viva. Eu quero que vocês me mantenham viva, eu quero que vocês me preserve, porque eu tenho muitos frutos pra... muitos filhos pra criar e muitos frutos pra botar. Então eu acho que ela diria, assim, em resposta à vida. Ela diria que queria viver” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

[O que a palmeira diria para o político?] “**Ela pediria socorro. Porque quando ela é queimada, quando ela é derubada é semelhante uma mulher que vai morta, né.** Acho que todas as mulheres, quando elas vão ser assassinadas, elas gritam socorro, né. Elas gostariam que alguém socorresse. Mas muitas não têm esse socorro (...) e se elas pudessem falar com alguém, dizer assim, o potencial que elas têm, o bem que elas traz pro mundo, se elas pudessem dizer, talvez ninguém tirava elas, né” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).



[O que a palmeira diria para políticos no Brasil?] “Eu acho que ela reivindicaria mais cuidado. Mais cuidado mesmo no sentido da preservação. Eu acho que leis mais severas. De, apesar da palmeira ela ser uma madeira, vamos dizer assim, uma madeira de lei. É hoje aqui no estado do Piauí nós temos o Dia Estadual da Quebradeira de Coco, nós temos a Lei do Babaçu Livre. Apesar de existir a lei, mas na prática ainda é muito tímida, vamos se dizer assim, porque hoje quem tem 100 hectares, 200 hectares de terra, permite que eu entre pra mim tirar o babaçu. (...) [O que as quebradeiras pediriam para pessoas no poder público?] Eu acho que... voltando essa logística para o movimento das quebradeiras, eu acho que elas iram nos pedir seria mais condições de trabalho, mais políticas públicas mesmo, de apoio, por exemplo (...) Eu acho que seria mais mesmo políticas públicas voltada pra isso mesmo, esse apoio estrutural, um ambiente de trabalho mesmo. Vamos supor assim, um carro pra cada instituição, pra cada unidade, produção, máquinas que iriam facilitar mais no trabalho. Mercado mais organizado, mais em grande escala” (Francisco Wilson Barbosa Carvalho, São João do Arraial - PI).

[O que as palmeiras diriam aos políticos?] “Eu acho que ela diria que esses empreendimentos que tem sido tão valorizados, pensados assim como progresso, como geração de renda, desenvolvimento isso é uma ilusão, é uma furada. Porque o que isso tá produzindo é exclusão, é destruição do meio ambiente (...) E eu acho que a palmeira diria que é preciso escutar outras vozes, como a das quebradeiras de coco babaçu” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

[O que a palmeira diria ao movimento?] “A palmeira, eu acho que ela diria que é preciso se unir cada vez mais, é preciso superar as divergências, não deixar que os interesses pessoais



interferiram na luta do movimento” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Eu acho que ela demandaria que o território que eles estão presentes sejam território coletivo, sem o conceito de propriedade privada” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Não me mate, não me derrube. Não é mesmo?” (Teresa Filomena da Silva, Faveira - PI).

“Eu acho que além dela pedir políticas públicas pras quebradeiras de coco, ela iria pedir pra que tenha mais leis pra preservá-la. (...) Acho que elas pediriam pra a gente [do MIQCB] continuar com o trabalho que a gente faz e encaixar mais a juventude. Porque é o futuro. (...) Eu sou formada, eu poderia tá em uma sala de aula, mas eu não quero isso, porque eu quero transmitir, não só pras minhas filhas, mas também pros outros, pras outras pessoas, para outras jovens de que a quebra do coco é importante, a preservação das palmeiras é importante” (Kléia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Cuide de mim (...) Preserve. No nível que as coisas andam ultimamente, o que que vai acontecer das áreas dos babaçuais daqui a 50 anos?” (Deputado Francisco das Chagas Limma, Teresina - PI).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Ela ia dizer, assim, deixa eu viver, deixa eu viver, deixa eu multiplicar. Porque eu sou a razão de muitas quebradeiras, eu acho que era isso que ela ia dizer” (Maria de Jesus Alves de Macedo (Dijé), Santana - MA).



“Mas eu diria para eles que eles [políticos] cuidasse das Palmeiras, **que é dever dele cuidar das Palmeiras, como é dever dele cuidar da população**” (Aldenir Gomes Damacena Souza, Lago do Junco - MA).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “ela ia falar é assim, cuida mais de mim. Não me destrói. Eu acho, assim que quando está acontecendo essas violências com a Palmeira é como que se tivesse acontecendo violência com uma mulher. Daí quando a mulher está sendo violentada, ela não pede socorro? A Palmeira também.” (Aldenir Gomes Damacena Souza, Lago do Junco - MA).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Eu acho que ela [a palmeira] ia pedir socorro. Ela ia pedir ajuda para que ela não fosse... para que não matassem ela, porque ela tem muitos filhos ainda para ela dar conta, não é? Para ela cuidar. Para ela alimentar. Então eu acho que ela diria isso, ‘eu não posso morrer. Eu tenho que permanecer viva, porque eu tenho muitos filhos que depende de mim. E eu preciso continuar cuidando com meus filhos e alimentando meus filhos’” (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Não me mate” (Luzia da Silva Sousa, Faveira - PI).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Acredito eu que ela queria permanecer viva em pé e produzindo porque é muita pessoa que precisa dessa renda dela ” (João Valdecir da Silva, Lago do Junco - MA).





Foto 23: Dia de pegar coco no mato com quebradeiras de coco de Codó - MA. (Março, 2023).

[O que as palmeiras diriam ao político?] “Nos socorre. Não nos derruba porque nossas companheiras [quebradeiras] precisam da gente, então você não derruba a gente, deixa a gente onde está, só conserva” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).

[O que a palmeira diria para o MIQCB?] “Ela diria hoje, assim, lutem mais. Porque a... eu acho que a batalha nunca ela vai ser terminada (...) Era o que ela diria pro movimento, lutem mais. Prestem muita atenção no que vocês estão fazendo. Porque às vezes a gente pensa que tá fazendo bom e não é. Às vezes a gente deixa de apoiar, deixa de estar do lado de quem precisa e está do lado errado” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Ah, se elas fossem dizer uma coisa pro MIQCB, elas diriam obrigado, né. Obrigada por cuidar, né, por zelar, por ter esse pensamento de cuidar, né. Elas diriam: obrigada!” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).



“Acho que elaalaria pro MIQCB, além de todas essas articulações, ter algum planejamento pra que as próximas gerações se preocupem tanto quanto a geração atual está se preocupando” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

“Eu acho que a palmeira ia agradecer [O MIQCB], é... porque muito da história da permanência das palmeiras, é a luta das quebradeiras, né. (...) Mas acho que ela pediria respeito, respeito. Igualdade, igualdade de gênero e proteção” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“Ela ia dizer que (...) **o MIQCB não é aquela casa [a sede], o MIQCB é nós.** Ela é o MIQCB, eu, Helena e a outra população... tudo é MIQCB. Porque são as quebradeira. **E que o MIQCB continue a luta. Não pode parar!**” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

[O que a palmeira diria para MIQCB?] “Cuida de mim!” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina -PI).

[O que a palmeira diria para o MIQCB?] “Eu acho que elaalaria assim, parabéns, vocês estão fazendo a coisa certa. Preservando. Acho que ela diria isso. Porque é isso que nós quer, preservar a palmeira, né” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

“Eu acho que elaalaria que ela já criou muita gente do MIQCB e não só do MIQCB, mas também pra outras quebradeiras de coco que não é acompanhada pelo MIQCB, né. Ela iria dizer que ela era mãe, era avó, bisavó, ela era tudo” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).



“Ela diria que continue lutando pelo objetivo de vocês [do movimento]. Com certeza ela diria isso, se ela fosse uma pessoa. O mesmo que eu digo” (Valdirene Barras Conrado, Vila Esperança - PI).

“Cuide de mim. Cuide de mim que a gente cuidará de vocês, porque se existe o movimento hoje das quebradeiras é porque existe a palmeira. Então, a relação da palmeira com o MIQCB é tipo mãe e filha também, como nós quebradeira de coco” (Luzia da Silva Sousa, Faveira - PI).



## Visões para o futuro: políticas públicas mais cuidadosas?



Foto 24: Jaqueline, Isabelly, Rosa e Jon Jon. Dona Rosa levando Adriana para conhecer os Palmeirais pela primeira vez. Vila Esperança, Esperantina - PI (Janeiro, 2023).

“Eu acho que políticas públicas cuidadosas em primeiro lugar seriam políticas públicas que obedecessem a constituição e a premissa da participação popular. Que é uma coisa que já existe desde os anos 80, da constituição de 88 e não é efetivada. A participação popular é só um faz de conta. Todos esses instrumentos, participação popular, orçamento participativo, quando a gente fala de gestão de cidade, por exemplo, é muito difícil você encontrar um município, quase impossível, que consiga executar esses instrumentos a contento. Tem as dificuldades



burocráticas, mas também tem a falta de vontade política. Então, eu acho que o cuidado primeiro seria, os políticos esquecem que participação popular é um instrumento político, e requer gestão. E é um instrumento que não tá sendo usado. Eu acho que se fosse usado da forma correta, já seria um bom começo.” (Élida Maria Cardoso de Brito, Teresina - PI).

“Pra mim que eu já tô quase no final da vida que nem o povo fala pra mim tem pouca coisa para desfrutar. Eu tenho meus filhos, então acho que nós que quebra coco tem que ter uma segurança para nossos filhos, aliás meus netos (...) sair de casa e ter uma creche para deixar os meninos” (Doura, conversa informal no mato catando coco, Codó - MA).

“Para mim seria uma política pública, uma lei que viesse a proibir mesmo, ou que viesse punir. Punir as pessoas que prejudicam a Palmeira de coco babaçu? Seja qual for a punição” (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).

“Primeiro, eu acho que tem que definir áreas, de fato, de preservação dos babaçuais. Acho que as reservas extrativistas, ela é uma estratégia boa, um modelo de uso coletivo que poderia trabalhar nessas áreas de maior densidade, que tem maior, o maior número de pessoas que usam. Acho que isso é fundamental pra não ter essa destruição (...) Então, acho que esse é um modelo, outro é de dar o uso e de agregar valor aos produtos. Acho que tem que trabalhar essa coisa da economia, da renda e tem o outro processo que é esse da quebra. Além da baixa produtividade do babaçu, você tem ainda uma média de 100 kg, 150 kg de amêndoa por hectare. É muito baixo isso (...). Acho que tem que ter um processo que possa melhorar o rendimento nas atividades de aproveitamento do babaçu. (...) Acho que o movimento tem que trabalhar, e os mandatos mais



comprometidos também, a divulgação dela [Lei Babaçu Livre do Estado do Piauí] porque ela existe. E a partir daí você fazer um debate pra todo o local onde tem os babaçuais. Então, acho que essa é o primeiro desafio” (Deputado Francisco das Chagas Limma, Teresina - PI).

“E a gente já tem na agenda com o deputado, né, pra gente poder fazer uma atividade com eles e fazer essa discussão [sobre a lei do Babaçu livre no Piauí], que a gente precisa fazer um trabalho educativo nos territórios. Porque se alguém passar por cima da lei, vai ser penalizado, mas é sabendo que ele vai ser penalizado, porque nós não estamos brincando de lei, né” (Helena Gomes da Silva, Fortaleza - PI).

“Olha uma coisa que nós estamos fazendo é uma articulação com a prefeitura do Lago do Junco - MA pra gente fazer um seminário com os proprietários e produtores extrativistas para garantir a preservação do babaçu” (João Valdecir Viana da Silva, Lago do Junco - MA)

“Eu acho que uma política pública que seria mais cuidadosa pra palmeira é nessa questão da Lei Babaçu Livre, que a Lei Babaçu Livre ela foi aprovada. Mas daqui até a gente tirar essa lei do papel pra colocar ela em vigor pra realmente ela valer vai demorar. E assim, se eles pudessem acelerar nesse processo de a lei entrar em vigor pra valer mesmo sem ser só no papel pra tá protegendo as palmeiras, eu acho que essa seria uma política bem interessante pras quebradeira de coco” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

“O que eu tenho certeza que o que a gente pode pedir para eles (fazendeiros, dono de muitas terras), que eles prezem



mais a natureza, porque eles não estão tendo cuidado com a natureza, ele estão acabando” (Aurea Maria da Silva, Codó - MA).

“É que hoje na nossa situação, a gente tem uma lei, mas que essa lei seja executada e respeitada. Eu digo isso qualquer hora pro político representante aqui dessa região. Porque essa lei é para respeitar a palmeira, pra gente ter acesso, pra ter respeito, um monte de coisa e aí ela é muito vaga. (...) A lei municipal nossa aqui, ela é muito vaga.” (Maria de Jesus Alves de Macedo (Dijé), Santana - MA).

**“Eu acho que dentro dessa política pública, que quisesse cuidar bem da quebradeira, deveria ter muita coisa. Deveria trabalhar realmente a questão da saúde da mulher,** porque no nosso município a saúde é péssima, entende? E é tanta coisa que a gente precisa que faz parte dessas políticas públicas que a gente não tem, não cuida, não tem cuidado de políticas públicas com esse povo, com esse povo trabalhador.” (Sebastiana Ferreira Costa Silva - Dona Moça, Ludovico - MA).



Foto 25: Reunião MIQCB-PI e Secretaria do Meio Ambiente de Esperantina, Olho D'Água dos Negros, Esperantina - PI (Fevereiro, 2023).



“Outro desafio é você conseguir permanecer todo esse sentimento [de ser quebradeira] para as crianças, e a gente sempre discutiu isso no movimento também com a juventude, de você conseguir dar continuidade a toda a história, esse movimento das quebradeiras. Porque às vezes muitos jovens, eles têm vergonha de dizer. Eu falo isso porque eu tenho amigos da minha comunidade que não falam. (...) E às vezes até mesmo quando eu estou em alguns espaços, que eu digo que sou filha de quebradeira, algumas pessoas perguntam se eu não tenho vergonha de falar. Da própria comunidade mesmo. Aí a gente vai falar de toda essa questão da identidade, da importância e tal. Mas eu acho que é porque, realmente, durante muito tempo, foi visto como uma atividade muito de exploração e tal” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“Eu acho que a gente tem que começar a incluir as nossas juventudes, [...] Eu sou formada, eu poderia tá em uma sala de aula, mas eu não quero isso, porque eu quero transmitir, não só para as minhas filhas, mas também para os outros, para as outras pessoas, para outras jovens de que a quebra do coco é importante, a preservação das palmeiras é importante” (Klésia Lima da Conceição, Jenipapo - PI).

“Ah, pois, (...) eu pediria melhora pra nós (...) Tipo assim, mais saúde, né. (...) Mais recurso” (Auzilene Oliveira, Chapada da Sindá - PI).

“As políticas públicas atuais, elas são muito desconectadas da participação popular. Quando se trata do acesso aos créditos, o mais insignificante que surge é para mulher. Quando se trata de acessar ao SUS? É, as mulheres sofrem mais... (...) E usando uma frase da marcha das margaridas: ‘Ninguém solte a



mão de ninguém'. E que se as mulheres sempre fazem assim, pode servir de exemplo para o resto do mundo, para o resto do Brasil" (Maria Alaídes Alves de Sousa, Lago do Junco - MA).

"Eu pediria que eles (políticos) olhasse mais pra quebra-deira e que... as quebradeiras são assim, desprotegidas, né (...) Mudaria muita coisa, né, se eles olhassem mais pelas quebradeira de coco, né. Mudaria muita coisa na vida da quebradeira de coco. Porque é uma luta que a gente, assim, é uma batalha muito complicada. E a gente vai atrás porque é a luta da gente. Mas se eles olhassem mais, seria muito bom para as quebradeiras de coco" (Francisca Lima Rodrigues, Olho d'Água Cercado - PI).

"Primeira coisa que eu sugeria dele é porque a gente conhece muitos políticos, tem muitas áreas de babaçu e é privada, as quebradeira não entra, não entra e a gente sabe que eles ganham muito dinheiro, que é nosso (...) Às vezes ele (político) deixa de passar na casa de uma quebradeira, pra sentar com ela, ver qual é a maior necessidade dela. Que às vezes a gente... que quebra coco, nós temos também os acidentes, às vezes a gente vai pro mato, a gente cai, se machuca, às vezes a cobra morde, às vezes em casa, corta o dedo, mas aí não vem nenhuma cesta básica. Não vem nenhum ver como é que a gente tá, se precisa ir no médico, precisa de um remédio, precisa de uma cesta básica pra durante aquele período que você não tá bem." (Maria de Fátima Ferreira, Olho d'Água Cercado - PI).

"Ah, minha irmã, se for pra mudar coisa boa. Ave Maria, desejava que viesse trazer muitas bondades pra nós. Que a gente precisa é de ter algumas coisas, algo bom pra a gente viver, trabalhar mais e melhor. E tendo a saúde, né. (...) porque aqui no assentamento precisa de muitas umas coisas, né. E aí, a primeira coisa é este posto de saúde, (...) esse negócio aqui, como é que



diz? A correnteza de água que é muito forte no período do inverno, que nunca fizeram esses negócios aí. E os políticos hoje só promete e na hora não aparece, né” (Francisca Maria Silva Alves - Bei, Olho d’Água Cerrado - PI).

“Eu ia pedir, se eu fosse falar com algum político, ia pedir eles pra proibir derrubar as palmeiras, proibir devorar as palmeiras, né. Porque sem as palmeiras, quem vive delas não ia viver” (Antonia Machado de Souza, Fortaleza - PI).

“E que os político tivesse mais e olhasse mais pra classe pobre (...) Pra gente isso já foi bom porque a gente precisa de apoio dos políticos, a gente precisa de apoio. Porque a gente sozinha não pode construir nada, precisa que a gente também encontre mais apoio” (Francisca Rodrigues do Santo - Chica Lera, Fortaleza 4 - PI).

“Mas eu falaria que eles aumentassem mais esse olhar pras quebradeiras de coco, desse mais uma chance. Acreditasse no potencial delas, comprando o produto das quebradeiras de coco, né. Porque a gente tem o PNAE em todos os municípios, mas a quantidade de produto que é colocada das quebradeira de coco ainda é muito pouca. E assim, eu ia pedir isso pra eles, que eles olhassem mais, né. Dessem mais valor aos produtos das quebradeiras de coco, porque as quebradeira de coco na verdade é quem mantém todo o município de tudo, né, não só do coco mas também da roça, através de plantação de arroz, feijão, milho, mandioca, quem tem horta. Tudo, tudo quem faz isso são as quebradeira de coco” (Marinalda Rodrigues da Silva, Chapada da Sindá - PI).

“Ai meu Deus, uma parte das políticas mais cuidadosa, eu acho que é essa de que a gente consiga estar em todos os es-



paços (...) Das atividades, comercial, de luta, de reivindicação. Eu acho que essa que é a política institucional mais cuidadosa. Que a gente tem o direito de bater e dizer, nós somos isso, nós queremos isso, sem que ninguém acha que nós estamos errados, que nós não estamos no nosso direito. Que nós estamos ali é porque a gente sabe o que a gente quer. Porque nós estamos preparados pra isso, pra dizer o que nós queremos e o que nós somos” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Sindá - PI).

“Eu fico encantada (com) a habilidade que elas têm pra mobilizar e juntar mulheres quebradeiras de coco babaçu nas atividades que elas fazem. Se você fosse participar por exemplo do dia 24 de Setembro (Dia Estadual da Quebradeira de Coco Babaçu) você ia ver as ruas lotada de gente. Mesmo que elas vivam em condições profundamente adversas, elas têm essa habilidade muito grande. As conquistas que elas têm é exatamente graças a essa capacidade de fazer política” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

“Se eu tivesse a varinha de condão, (...) eu acho que eu tiraria todos os políticos opressores, né. E corruptos. A política pública pra chegar lá na base, ela não chega, porque no meio do caminho ela se corrompe, por conta de de interesses político (...) Mulheres, quebradeiras, movimentos sociais, as pessoas, o povo, se tivesse consciência do poder que a gente tem nas nossas mãos, que a gente às vezes não usa, porque muitas vezes a gente foi ensinado a ser submissa, né. A entender que a gente é menor, né. (...) a gente tem um poder tão grande, mas a gente não sabe usar. (...) Eu também acho que nós temos que ter mais políticas públicas voltadas pro cuidado, pra a preservação do meio ambiente. Embora a gente tenha avançado algumas coisas e a própria Lei Babaçu Livre é um avanço disso tudo, mas eu



acho que a lei, ela existe no papel. A gente precisa fazer com que ela realmente aconteça (...) Então, eu acho que não só a política existir, mas mecanismo pra que ela possa ser implementada, apoios para que elas possam ser implementadas, porque no papel ele é muito bonita, mas no dia a dia, se você não tiver estratégia, apoio dos próprios... do própria governo, nas instituições do governo, dos próprios representantes políticos, que a gente tem, a gente não consegue implementar, né.” (Aline Alencar Barros de Araújo, São João do Arraial - PI).

“Uma coisa assim que eu acho que é um pré requisito pra toda e qualquer política seja bem sucedida é escutar as quebradeiras de coco babaçu, porque por exemplo elas tem uma agenda muito clara. É um movimento que eu admiro muito, porque assim elas têm uma clareza muito grande em relação às demandas delas por políticas públicas. Porque por exemplo, elas falam claramente da necessidade de ações que favoreçam a geração de renda. Mas elas falam também de ações de cuidado inclusive em termos de saúde, porque elas sabem que a quebra do coco é uma atividade insalubre” (Carmen Lúcia Silva Lima, Teresina - PI).

“Então, assim, que viesse um projeto que eles pensassem em nós quebradeira de coco, que a gente precisa desse projeto pra melhorar a nossa vida, pra gente ter mais facilidade, o acesso.” (Luzia da Silva Sousa, Faveira - PI).

“O nosso sonho quando a questão da terra resolver é um campo pra nós trabalhar inverno e seca (...) Eu tô com 65 mas ainda quero alcançar esse campo aqui pra nós ir trabalhar. Seria uma alegria tão grande. Porque com o campo orgânico que a gente conseguisse, a gente preservava também mais a nossa natureza.” (Teresa Filomena da Silva, Faveira - PI).



“Eu acho que a gente precisa de um controle da inflação as coisa tá subindo muito. Fica difícil pra nós. Pra abaixar né.” (Eliene Conceição Batista, Ludovico - MA).

“E aí as outras políticas públicas que podia também estar a questão da saúde, da mulher, né? Tivesse mais atendimento à questão das pessoas que quebram coco, tipo assim, uma fisioterapeuta (...) porque as mulheres que quebram com o que elas sentem, muito problema de inflamação de útero, de ovário, essas coisas, porque é uma atividade que deixa a pessoa muito tempo sentado, bota força, aí faz carreira, pega muito aqui e junta cocô no mato. Então, se tivesse assim um tipo, uma Secretaria, uma coisa assim que viesse ter uma Secretaria de saúde que fosse específica para a mulher. Seria muito importante” (Conceição de Maria Alves da Silva, Lago do Junco - MA).

“Assim, porque o desejo da gente como uma quebradeira de coco, seria a melhoria de vida da gente dentro do território, pra que a gente não precisasse, nem nós, nem nossos filhos, nossas filhas, sair do território em busca de melhorias, né. Então, seria o cuidar do território, né. O que seria esse cuidar do território? É ver políticas públicas que pudessem gerar renda. Pra gerar renda eu preciso ter uma fábrica? Eu preciso ter um outro tipo de emprego? Não. Quebradeira de coco, ela não tá precisando de um emprego. Nós já temos nossa função como quebradeira de coco, né. Se tem um programa que possa comprar o nosso produto, pronto. Nós estamos bem.” (Sandra Silva Cardoso, Esperantina -PI).



## Reflexão de parcerias do movimento

*Por Carmen Lúcia Silva Lima*

*Eu sou quebradeira, eu sou quebradeira. Vim para lutar!  
Pelos meus direitos, pelos meus direitos. Eu vim reivindicar!  
Mais educação e saúde pra toda nação.  
Eu sou quebradeira, sou mulher guerreira, venho do sertão!  
No Tocantins, tem quebradeira. No Piauí, tem quebradeira.  
Lá no Pará, tem quebradeira. No Maranhão, estão as quebradeiras!*  
(Música: Eu sou quebradeira, Intérpretes: As Encantadeiras)

As quebradeiras de coco babaçu vem protagonizando uma luta histórica admirável. A semente plantada, ao final da década de 1980 e início dos anos 1990, germinou, cresceu e hoje vem dando muitos frutos, que alimentam e fornecem a energia necessária para a afirmação identitária coletiva e a defesa dos babaçuais. Enquanto comunidade tradicional, são reconhecidas pelo Estado brasileiro, como um coletivo constituído por mais de 400 mil mulheres. O processo de mobilização étnica gestado resultou na criação do Movimento Interestadual da Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que vem sendo citado como o maior movimento de mulheres da América Latina. Detentor de uma área de atuação que contempla os estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins, causa admiração pela capacidade de mobilizar, agregar pessoas e forjar parcerias. Nos embates travados nos locais onde vivem, o movimento revela uma habilidade política extraordinária e a capacidade de diálogo em variadas escalas de atuação.



Mulheres trabalhadoras rurais e agroextrativistas foram as identidades que despontaram inicialmente. Contudo, o processo de mobilização evidenciou a construção a etnicidade política que produz distinções em relação à outras comunidades tradicionais. Portadoras de cultura e identidade que se estrutura a partir da relação com os babaçuais, elas evidenciam uma capacidade de acolher e articular diversos pertencimentos. Em decorrência, atualmente, existem quebradeiras de coco que simultaneamente evocam outras identidades tais como indígena, quilombola, negra, mestiça, ribeirinha, assentadas, sem terras e artesã. Esta plasticidade identitária é um elemento que produz inclusões e viabiliza parcerias, diferentemente de outras lógicas identitária estruturada em relações contrastivas de exclusividades.

São muitas as lutas travadas pelo MIQCB! O movimento reivindica o reconhecimento da identidade coletiva, a igualdade de gênero, o livre acesso e a defesa dos babaçuais. Se opondo às estas demandas, o grupo de antagonistas é formado pelos agentes do capitalismo, que exploram os recursos da natureza de forma desenfreada e desequilibrada. Inúmeras situações de conflitos são vivenciadas pelas comunidades que são impactadas pelo desmatamento e a derrubada da palmeira de babaçu, aprisionamento dos recursos naturais por parte dos fazendeiros, o desmatamento, mineração, implantação de grandes empreendimentos agrícolas de grupos econômicos e até mesmo a especulação imobiliária.

Os conflitos são vivenciados pelas quebradeiras de coco estão situados em conjunturas bastante adversas, pois os seus adversários são detentores de poder econômico e político, que produz uma correlação de forças bastante assimétrica. Apesar desta conjuntura, elas são admiráveis pela habilidade política e pela capacidade de forjar parcerias muito importantes.

Considerando as relações estabelecidas pelo MIQCB, é possível afirmar que as quebradeiras de coco não estão sozi-



nhas nos embates travados. A capacidade de diálogo resulta na construção de alianças com outras coletividades que também estão sendo ameaçadas. Com esta motivação, atuam em várias frentes e participam ativamente em associações, sindicatos, comissões e diversos movimentos sociais. São muitos os casos de pesquisadores/as que chegam as comunidades com motivações acadêmicas e, sabiamente, a partir da relação de pesquisa, o movimento consegue que se tornem colaboradores em inúmeras ações. Algumas desta parcerias continuam após o encerramento dos projetos de pesquisas e estas pessoas passam a integrar a extensa lista de parceiros e apoiadores do movimento.

Relações de cooperação vem sendo estruturadas com diversas organizações governamentais e não-governamentais brasileiras. Por meio delas, as quebradeiras vem acessando informações, serviços e recursos importantes para a submissão de proposta aos editais e implementação de projetos voltados à defesa das comunidade e dos babaçuais.

A cooperação internacional vem sendo uma esfera importante de captação de recursos e de propagação das lutas vivenciadas no Brasil. Desde a criação do MIQCB, foram inúmeras parcerias desta natureza. Atualmente, recebem o apoio de organizações tais como ActionAid, Fundação Ford, Fundo Amazônia, Projeto DGM FIP, MISEREOR, Comunidade de Ação Mundial Solidária (ASW) e Instituto Clima e Sociedade (iCS), o que atesta a incidência do MIQCB na esfera global.



# Reflexão de parcerias do movimento

*Por Élide Maria Cardoso de Brito*

## **Sobre o fazer da pesquisa com as quebradeiras de coco babaçu**

Em primeiro lugar, gostaria de ressaltar que, até trabalhar com as quebradeiras de coco babaçu, eu não tinha familiaridade com encontros de movimentos sociais. Embora tenha tido aproximação com alguns movimentos urbanos durante o mestrado, todo o processo de aproximação com os movimentos do campo me pareceu diferente e, neste, a primeira coisa que chamou minha atenção foi a mística feita sempre ao início e ao final de cada encontro. Entendi que a mística era não apenas um chamamento, mas uma partilha de práticas culturais e de dores em comum. Na mística<sup>1</sup> das quebradeiras havia sempre um elemento para lembrar o porquê estavam ali. Muitas deixavam os filhos, às vezes doentes, deixavam os maridos (chateados), deixavam seus lares “abandonados”, mas não desistiam da luta.

No meu diário de campo, é fácil encontrar anotações que remetem muito mais a identificações de temática de gênero e afetividades do que pautas técnicas, por que isto me chamava a atenção. Poderia ser desnecessário ou inconveniente se eu não estivesse falando de um lugar que também me atravessa

1. Mística é um momento de dinâmicas em que as quebradeiras cantam, fazem encenações, chamam a atenção das pessoas para uma determinada temática relacionada àquele grupo. É um momento que acontece sempre em encontros de movimentos sociais rurais e, geralmente, acontece no início e final dos encontros.



enquanto uma mulher de privilégios e, ao mesmo tempo, com deveres a cumprir com a pauta trazida por elas. Foi a partir das místicas que me aproximei cada vez mais do movimento das quebradeiras e me tornou mais atenta à forma como a afetividade permeia as estratégias do movimento e o posicionamento delas em relação a quem se aproxima. Os encontros e aproximações proporcionados pelas místicas foram essenciais para a construção de um sistema de confiança, onde elas se sentiam confortáveis para pedir apoio. Essa abertura representou o início de uma relação de parceria e confiança, sendo que, a partir de 2021, passei a apoiá-las na elaboração de projetos afim de acessar financiamentos diversos. Essa forma de “assessoria informal e afetiva” se mostrou importante e, por vezes, suficiente para compreender diversos aspectos do movimento sem que fosse necessário fazer entrevistas exaustivas ou tirá-las da sua rotina de casa, do trabalho ou do movimento.

O primeiro voto de confiança foi dado quando me pediram apoio para escrever um projeto para a Fundação Casa Socioambiental e outro para um edital da Secretaria de Assistência Social e Cidadania, do Governo do Estado do Piauí, sendo os dois projetos aprovados e o primeiro selecionado e executado. Em seguida, fui convidada a participar das discussões acerca da lei estadual do babaçu livre - juntamente com outra pesquisadora e um defensor público, além das próprias quebradeiras – e da Câmara Setorial do Babaçu do governo do estado, criada pelo governo do estado para discutir melhorias para o sistema produtivo do babaçu, mas que se encontra inativo atualmente. Deste grupo faziam parte representantes das comunidades de quebradeiras do estado, empreendedores rurais, agroextrativistas, professores e pesquisadores sobre o tema e os representantes do estado, que coordenavam os encontros. O outro grupo foi formado pelo próprio MIQCB para discutir e elaborar estratégias para pressionar o governo do estado pela



aprovação da lei “babaçu livre”. Era composto por lideranças estaduais do MIQCB, a assessoria jurídica do movimento, um representante da defensoria pública federal e duas professoras pesquisadoras do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Ambos os grupos foram formados no segundo semestre do ano de 2021.

A partir de então, estive presente em todas as reuniões do movimento registrando áudio, imagens e anotações no diário de campo. Pude observar, nesses momentos, uma quebradeira combatente, resistente e firme que não se intimida com a graduação ou título de quem ela se dirige.

Assim, o que parecia ser uma participação pontual, tornou-se uma parceria. Eu era convidada (ou convocada) a participar de algumas articulações, seminários, debates, Encontrininhos e cheguei a participar do último Encontrão, realizado em 2023 no Tocantins, onde ministrei uma oficina. Nesses eventos, por vezes eu fazia o papel de relatora (o que me ajudava bastante no processo de pesquisa), por vezes de debatedora ou apenas ouvinte. A mim, coube, por exemplo, a tarefa de elaborar o texto de apresentação do projeto de lei aos parlamentares, o que me deu grande prazer e orgulho. Já no seminário sobre protocolo de consulta, meu papel como debatedora e relatora, foi fundamental para entender qual o olhar que as quebradeiras têm sobre si mesmas e sobre seus territórios. As anotações no diário, nesse dia, foram fartas e refletidas por elas, sob o meu olhar.

Além disso, acompanhei também o final do processo de titulação do primeiro território tradicional de quebradeiras de coco babaçu, o Território Vila Esperança. Embora tenha alcançado a discussão em torno da titulação no final, pude acompanhar, posteriormente, os debates em torno do registro do imóvel. Nas reuniões com o INTERPI foi interessante perceber como se dá o engajamento das quebradeiras no que se refere à defesa territorial. Frente a propostas de reduzir o tamanho do



território para ser possível o registro, o movimento manteve-se firme e apresentou elementos que fortaleciam sua territorialidade. E, em razão do cenário de insegurança, a comunidade do território procurou a mim e outros pesquisadores para ajudá-las na elaboração do Plano de Vida, no qual participei da elaboração do Diagnóstico Ambiental e Antropológico e, mais uma vez, as quebradeiras me deram a oportunidade de fazer projeto e pesquisa ao mesmo tempo abrindo mão das técnicas usuais de pesquisas qualitativas.

Mais recentemente, dentro de círculo de confiança mútua já estabelecido e firme, propus escrever um projeto para o Edital SIEC (Sistema de Incentivo Estadual à Cultura) e outro para o Edital da Lei Paulo Gustavo. Para o edital SIEC as quebradeiras manifestaram o desejo de ter uma casa de cultura para valorização e reprodução das tradições, projeto que foi aprovado e já começa a ser executado ainda este ano. Para o edital da Lei Paulo Gustavo, propus a realização de um documentário curta metragem sobre o processo de luta pela aprovação da Lei Estadual do Babaçu Livre, o qual foi aprovado e está sendo executado também, tendo como produtora uma quebradeira de coco.

Outro projeto que integrei foi o Projeto Baqueli – Babaçu Livre, Quebradeiras Livres – também a convite das quebradeiras do Piauí, em 2023. Foi um projeto financiado pela fundação sueca The Tenure Facility, que objetivava apoiar a regularização de territórios de quebradeiras de coco babaçu realizado nos quatro estados nos quais atua o MIQCB: Maranhão, Pará, Tocantins e Piauí. Por essa razão, me foi dada a oportunidade de conhecer várias comunidades dos diferentes estados e isso me permitiu conhecer os variados cenários socioambientais e políticos nos quais estão inseridas as quebradeiras e compreender melhor as formas de luta por acesso à terra. Dessa forma, os relatórios gerados durante a construção desse projeto trouxeram elementos



de análise que possibilitaram compreender o cenário piauiense a partir de outras perspectivas comparadas.

Durante o meu trabalho com as quebradeiras não foi possível abordar todos os temas de análise lançados pelas quebradeiras – que, a meu ver, são inesgotáveis. Sou grata ao fato que todas essas aproximações foram permitidas por elas e, sem isso, a minha pesquisa de doutorado não teria sido possível. Ou, teria sido mais uma pesquisa de perguntas e respostas. Sou grata a elas pelo acesso e confiança a variedade de pessoas e cenários nos quais estive envolvida. Por isso tenho firmeza em dizer que minha pesquisa foi escrita por mim e por elas.

Não me identifico como quebradeira nem como assessora do movimento, mas como uma mulher, mãe, latino-americana, nordestina e pesquisadora, que tem tentado fazer o melhor possível no lugar-espço que me cabe e que habito.



## Reflexão de parcerias do movimento

*Por Noemi Porro e Roberto Porro*

Em nossas vidas profissionais, tivemos o privilégio de sermos iniciados, na década de 1980, por mestras quebradeiras de coco, no vale do rio Mearim e, desde então, temos sido cuidados como parceiros em seus movimentos. Desde cedo, aprendemos que esses movimentos sociais objetivam garantir a resistência de seus modos de vida, demandando sobretudo cuidados com a fina articulação entre seus diversos componentes. Nessa articulação, observa-se a quebra da distinção cartesiana entre humanos e demais viventes e não-viventes do ecossistema, haja vista sua interdependência vital. Assim, uma relação tão íntima como aquela entre mãe e filhas, estabelecida entre a mãe palmeira babaçu (*Attalea speciosa* Mart. ex Spreng) e as mulheres quebradeiras de coco, define seus movimentos sociais.

E, como bem ressalta Adriana Ressorio, essa definição se concretiza no conflito e pelo conflito com aqueles que tentam violar os laços entre mãe e filhas. O conflito em nada surpreende, considerando as quebradeiras de coco oriundas de campesinato formado por indígenas destribalizados, escravizados aquilombados e nordestinos forçadamente deslocados. A pesquisadora havia iniciado seus estudos concebendo o cuidado como algo separado do conflito, isento de lutas, para logo capturá-lo em sua essência:

*“Embora estivesse interessada nas relações de cuidado, encontrei conflitos e lutas para existir e resistir. Nesse tempo que estive*



*com as quebradeiras, e desde que fui embora, não consegui parar de pensar em como o cuidado está relacionado ao conflito quase todos os dias. Como o cuidado, muitas vezes, é doloroso, e como manter relações recíprocas com a palmeira-mãe envolve tanta luta. O cuidado entre o Movimento e as palmeiras-mãe envolve política, conflito, esperança, negociações e muito mais. O cuidado é tanto a motivação para entrar em conflito, tanto quanto, muitas vezes, a única maneira de cuidar é enfrentando as situações conflituosas.”*

Cuidar é, ao mesmo tempo, causa e consequência do conflito no campo de direitos. Por meio de citações das quebradeiras de coco entrevistadas, Adriana nos mostra que os próprios conflitos e lutas podem ser objetos de direitos. A mãe palmeira e suas filhas quebradeiras se constroem enquanto sujeitos de direitos, travando lutas para ocupar o espaço público, no qual lutar é um direito em si.

*“Hoje nós somos reconhecida nacionalmente como uma mulher que não é aquela mulher pobre que não tem direito de lutar, que não tem direito de conquistar, que não tem direito de ter um emprego, que não tem direito de ter uma vida digna. Então, assim, eu ser uma quebradeira, não significa que eu não posso ter nada disso” (Francisca da Silva Nascimento - Neném, Chapada da Síndá - PI)*

Esse direito de lutar é compartilhado com parceiros, que se posicionam e assumem seus papéis, seja para conquistas ou derrotas. Assim, o que significa ser parceiro/a desse movimento social, nessa complexa articulação entre pessoas e palmeiras em territórios tradicionais? Para se colocar como par com as quebradeiras, não há como escapar das lutas. E quais são hoje as lutas postas às quebradeiras e suas parceiras?

Há que se considerar que, assim como as relações entre grupos sociais estão em permanente e contínua transformação,



assim também as relações entre esses grupos sociais e natureza se transformam. Reconhecidamente, povos e comunidades tradicionais têm logrado desenvolver práticas e normas, fundadas no conhecimento de cuidados mais íntimos em sua relação com a natureza. No entanto, não se pode omitir que, desde os impactos provocados pelos colonizadores europeus sobre as sociedades indígenas, essas transformações não ocorreram isentas de rupturas, subtrações e ataques ao conhecimento inerente a tais cuidados. Os cuidados dentre grupos sociais e entre eles e a natureza são fundados em conhecimentos bastante dependentes da interação aproximada e continuada com a natureza. Os parceiros são então chamados a apoiar os processos de geração de conhecimento oriundos nessa interação, atualmente sob profundas transformações.

Hoje, as quebradeiras de coco babaçu acertadamente celebram suas conquistas, mas, ao mesmo tempo, reivindicam seus direitos de continuar a lutar pela renovação do conhecimento necessário para manter a boa relação com a mãe palmeira. No entanto, a renovação do conhecimento entre a juventude tem posto questões ainda não respondidas pelos movimentos sociais. Celebrar o conhecimento tradicional não significa que tal conhecimento seja homogeneamente presente e potente nas diferentes gerações, nos contextos que hoje enfrentam. Os parceiros são chamados para apoiar a atualização desses enfrentamentos, pelas atuais e novas gerações.

Assim também, a tradição das roças de corte-e-queima nos territórios (hoje reduzidos em extensão e mais densamente povoados) exige inovações nem sempre sob controle dos movimentos. À medida que a crise climática se acentua, potencializando o impacto dos incêndios florestais que assolaram o país no verão de 2024, medidas administrativas e legais são acionadas para coibi-los. Agricultores tradicionais são postos em xeque quanto a seu compromisso com os cuidados com a natureza. O



conhecimento que detêm sobre o comportamento da floresta carece incorporar novas práticas para lidar com variáveis climáticas modificadas. É nesse âmbito, por exemplo, que as quebradeiras de coco se perguntam como cultivar roças que devem garantir o alimento básico do ano vindouro. Os parceiros tampouco sabem, mas buscam o saber.

Em termos de ocupação dos espaços públicos, a participação das quebradeiras de coco nos movimentos sindicais e partidários demanda tecnologias sociais que sustentem seus movimentos coerentes e coesos o suficiente para vivenciar tais diversidades e complexidades. As organizações de representação das quebradeiras não são isentas dos desequilíbrios de poder inerentes a quaisquer organizações sociais. Sua extraordinária capacidade de mobilização e organização tem demandado e viabilizado extraordinários apoios, cuja eficácia nem sempre é positivamente proporcional ao volume de recursos obtidos. Os parceiros são chamados a apoiar o movimento das quebradeiras, estando eles próprios imersos nesses desequilíbrios e incertezas.

Assim, chamados a cuidar de movimentos que cuidam de palmeiras e quebradeiras de coco, os parceiros têm carecido eles próprios de cuidados, para que possam aprender os caminhos, e depressa. E o aprendizado que vem das quebradeiras é que cuidados são envoltos em conflitos, cuidar e ser cuidado enseja lutas em várias dimensões. Que nos preparemos para as boas lutas, com a honra de partilhar os caminhos traçados pelas mestras quebradeiras.



## Pensamentos finais

O processo de escrever e de pesquisa às vezes me parece ingrato, de tudo que ouvi e aprendi, menos de 10% coube aqui, no artigo científico que escrevi, sinto que coube menos ainda... São tantas falas, tantas formas de ver e viver o mundo, formas essas que constantemente me impressionam e inspiram. O processo de escrever e também coletar falas, dentro de longas entrevistas, tem sido ao mesmo tempo divertido e gratificante. Mas, como muitas de vocês descrevem o processo de quebrar coco, tem sido também árduo. Árduo pois sinto que nunca consigo retribuir tudo que fizeram por mim.

Em fevereiro de 2023, antes de partir do Piauí para o Maranhão, tive a oportunidade de conversar com a coordenação local do Piauí. Nessa reunião, compartilhei alguns dos aspectos que observei. A partir dessas observações, discutimos pontos que poderiam informar ou requerer atenção das coordenações do movimento, tanto no presente quanto no futuro. Para quem participou das minhas entrevistas, ficou claro que as perguntas envolviam sentimentos, muitas vezes buscando um lado mais emocional e lúdico. Com uma base teórica feminista que me inspira, acredito que as emoções e relações são essenciais não só para a pesquisa, mas também para o movimento. Emoção e razão, portanto, andam de mãos dadas.

Praticamente todas as entrevistadas consideram a palmeira uma mãe. Uma mãe que sustenta e cuida de seus filhos e filhas. E, ao conversar com vocês, vi isso se confirmar. Nesse momento, perguntas como: O que muda quando nos relaciona-



mos com a palmeira como mãe? Como essa relação influencia as práticas diárias e dá origem a um movimento tão grande e forte? Eram as perguntas que eu imaginava tentar responder na minha pesquisa.

Percebo que, ao verem a palmeira como mãe, vocês não só passaram a cuidar dela de forma recíproca, mas também se uniram diante das ameaças e desafios. Essa união me parece formar uma rede: cada ponto dessa rede representa uma quebradeira, uma palmeira, o movimento, o produto do babaçu e os seus aliados. Quando um desses pontos se perde ou enfraquece, um buraco se forma. Mas, pelas histórias que ouvi, sinto que essa rede tem uma força incrível de se renovar e criar novas conexões. É uma rede extremamente resistente e bem articulada.

Ao observar as relações de cuidado dentro dessa rede, vi que existem conflitos e críticas: esses que identifiquei tanto como os que unem e fortalecem, como os que enfraquecem ou são contra produtivos para o movimento. Os conflitos que unem e fortalecem foram uma das maiores revelações para minha pesquisa. Eles me ensinaram algo que quero trazer para as teorias do cuidado. Eu, inocentemente, — pois, nem mesmo as muitas teóricas que li o descrevia assim — costumava entender cuidado como uma rede harmoniosa, de sustento à vida, sem conflitos. Na minha visão o cuidado tinha apenas dilemas e contradições, mas não conflito. Como eu estava errada. Com vocês, quebradeiras, aprendi que, muitas vezes, é na luta, no conflito e no confronto que as conquistas surgem. Por exemplo, a Profa. Carmen me contou como vocês bateram o pé para que a lei do Babaçu Livre no Piauí fosse aprovada sem alterações, e foi essa postura firme que garantiu uma das legislações mais revolucionárias. Percebi também que foi através da luta e do conflito que vocês conquistaram o território de Vila Esperança no Piauí.

Além disso, muitas participantes dizem que “o movimento somos todas nós”. Como lemos no livro, muitas mulheres ex-



pressam gratidão ao movimento, dizendo que ele trouxe conhecimento sobre seus direitos, gênero, feminismo e independência. Dizem também que o movimento é uma escola, onde cada interação é um aprendizado. Vocês tiveram a oportunidade de viajar, conhecer outras quebradeiras e outras realidades, e isso melhorou a vida de muitas, inclusive economicamente, através dos projetos e parcerias do MIQCB.

Quando perguntei o que a palmeira diria ao MIQCB, muitas disseram “obrigada”, o que demonstra o reconhecimento pelo trabalho fundamental de manter as palmeiras de pé e de dar suporte às quebradeiras. Muitas outras disseram “continuem na luta”, reforçando a importância da resistência contínua.

Sobre a relação com a palmeira, ela está intimamente ligada ao sustento, à figura materna e ao cuidado de muitas e muitas gerações. Cuidar da palmeira, para muitos participantes da pesquisa, significa preservá-la e não a derrubar. Sobre cuidar, se destaca também a reciprocidade: a palmeira dá tudo o que pode, e vocês também oferecem tudo o que têm para mantê-la viva, saudável e em pé. Embora o que cada uma doa para outra não seja igual e não venha ‘em retorno’ necessariamente ao mesmo tempo, essa troca é o que permite que ambas, quebradeiras e palmeiras, sigam cuidando umas das outras da melhor forma possível.

Durante essa reunião em que compartilhava o que tinha observado com a coordenação do MIQCB-PI, Jucelino Silva (Assessor Técnico do Regional Piauí) disse algo que ficou e ficará comigo: “É a indignação que motiva a capacidade de embate.” Essa frase me marcou profundamente, pois vejo que grande parte da força das quebradeiras vem mesmo dessa indignação. Na minha pesquisa identifiquei, que além da indignação, essa força vem também do cuidado e da reciprocidade. Esses que existem tanto entre as quebradeiras quanto na relação delas com as



palmeiras. É essa união de indignação, cuidado e reciprocidade que permite que vocês resistam coletivamente.

Minha esperança, ao eternizar esse conhecimento oral tão rico, é que ele possa servir às futuras gerações, ao movimento, à pesquisa e ao que vocês, quebradeiras, considerarem relevante. Uso esses últimos parágrafos para refletir sobre o que levo desse tempo com vocês e como interpretei muitas das falas no artigo acadêmico, que é também um capítulo da minha tese de doutorado, escrito em inglês.

Aprendi e escrevi com Carmen Lúcia Silva Lima e Esther Turnhout no artigo intitulado *Narrativas do cuidado: quebradeiras de coco babaçu e mães palmeiras* (traduzido do inglês) que no contexto em que as quebradeiras vivem, o cuidado e o conflito eles co-existem. Para que as quebradeiras e as palmeiras possam existir o conflito é constante, ele está nas reuniões, ele está no passado, ele está na violência doméstica, nas dificuldades diárias, na derrubada das palmeiras, na perda de direitos e muitas vezes na falta suporte dos governos locais e nacionais.

Aprendi que as práticas e narrativas do cuidar das quebradeiras são vitais para combater e “bater de frente” com um modelo de desenvolvimento que é pernicioso, que não permite uma pluralidade de modos de viver, de saber e de existir no mundo. Mas as quebradeiras e as palmeiras, nas suas múltiplas formas de resistir e cuidar, juntas constroem uma utopia, mas uma utopia que não é intangível ou abstrata. Juntas elas constroem um modo de caminhar que permite que as guardiãs da floresta continuem lutando, e continuem fazendo ser possível um mundo onde muitos mundos cabem. Onde resistir, existir e cuidar com a Palmeira não é só possível, mas essencial para muitos seres humanos e natureza.



## Referências

Ressiore C., A., Lima, C. L. S., & Turnhout, E. (2024). Care narratives: Babassu breakers and mother palm trees. *Geoforum*, 156, Article 104109. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2024.104109>

EZLN (1996) Cuarta Declaración de la Selva Lacandona. Ejército Zapatista de Liberación Nacional. Disponível em: [https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1996/1996\\_01\\_01\\_a.htm](https://palabra.ezln.org.mx/comunicados/1996/1996_01_01_a.htm)





## Financiamento



## Apoio



Este livro é um registro da memória oral das quebradeiras de coco babaçu, construído a partir de suas histórias, vozes e experiências. Entre o trabalho árduo, a resistência coletiva e o cuidado com as mães palmeiras e os seres da natureza que reciprocamente vida suas narrativas revelam um conhecimento profundamente enraizado nas práticas e nas lutas diárias. Mais do que parte de um projeto de pesquisa, esse livro é um agradecimento às mulheres que compartilharam suas vivências, anseios, cuidados e conhecimentos. Aqui, a oralidade se torna escrita, preservando e amplificando o saber das quebradeiras para que este continue a inspirar futuros melhores. Um livro que honra as vozes que tecem as memórias do babaçu.

ISBN: 978-65-5904-409-2



Laboratório do  
**PNCSA**



**WAGENINGEN**  
UNIVERSITY & RESEARCH

